

Yára Pereira da Costa e Silva Neves

**EVASÃO NOS CURSOS A DISTÂNCIA
CURSO DE EXTENSÃO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE
HOJE**

MACEIÓ – AL

2006

Yára Pereira da Costa e Silva Neves

**EVASÃO NOS CURSOS A DISTÂNCIA
CURSO DE EXTENSÃO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE
HOJE**

Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal
de Alagoas, orientada pelo professor
Dr. Luis Paulo Leopoldo Mercado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

MACEIÓ-AL

2006

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luis Paulo Leopoldo Mercado
Universidade Federal de Alagoas
Orientador

Profa. Dra. Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Examinador

Prof. Dr. Elton Casado Fireman
Universidade Federal de Alagoas
Examinador

DEDICATÓRIA

À memória de meu pai Luiz Wilson Machado da Costa e Silva, de quem sinto saudades e muita esperança de que um dia com certeza nos reencontraremos em um plano onde não precisaremos mais sofrer para compreendermos as lições da vida, onde poderemos vivenciar os nossos sentimentos e reconhecermos tudo o que aprendemos aqui na Terra...

Dedico este trabalho, como todas as minhas demais conquistas, aos meus amados filhos Anna Lúcia e Luiz Wilson para que saibam que a vida é pontilhada de desafios e é preciso coragem e perseverança para enfrentarmos e vencê-los.

AGRADECIMENTOS

À iluminação Divina através de bênçãos e orientações que tanto me inspiraram durante a execução deste trabalho concedendo-me a acuidade para entender, a sutileza de relevar e a perseverança de terminar.

Meu especial agradecimento ao meu marido Francisco e meus filhos Anna Lídia e Luiz Wilson, que acompanharam cada passo do trabalho, pelo carinho, apoio, incentivo e compreensão em todos os momentos para a realização deste meu sonho.

Aos Familiares que torceram por essa realização, especialmente minha mãe, que em vários momentos se furtava de conversas para não atrapalhar os meus estudos.

Ao meu orientador Dr. Luis Paulo Leopoldo Mercado que despertou em mim o interesse pela pesquisa e, sempre de maneira significativa, organizou minhas idéias, prestando inestimável colaboração para a realização deste trabalho.

À Dra. Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida pelo crédito, acompanhamento e estímulo durante o meu caminhar acadêmico e profissional.

À Dra. Cleide Jane de Sá Araújo Costa, pelas orientações, fazendo com que meu trabalho ganhasse força.

À Myllena Lopes Calheiros, que participou dessa pesquisa, pela colaboração, apoio e companheirismo.

Aos professores da Pós-Graduação do CEDU que compartilharam seus conhecimentos.

À LÍlian e Verônica que sempre se mostraram prestimosas durante o curso.

Ao Tiago, pela colaboração e interesse na realização de meu trabalho.

À Anna Lídia e Luiz Wilson, pelo zelo e colaboração na conclusão da digitação, quando minha visão já estava sobrecarregada.

Às pessoas que direta ou indiretamente ajudaram, incentivaram e colaboraram com meu trabalho.

RESUMO

A Educação a distância (EAD) na formação de professores faz parte de um modelo educativo inovador no mundo globalizado. Esta pesquisa sobre evasão nos cursos a distância enfoca o Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje, destinado a capacitação de professores, coordenadores e gestores de escolas públicas de Ensino Médio e Fundamental da rede pública do país, com o objetivo de favorecer o embasamento necessário para utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, em especial TV e vídeo. Este trabalho teve como objetivo investigar as causas que levaram o professor-cursista a se evadir do curso, uma vez que em Alagoas, como nos demais estados, houve um número significativo de evadidos. Buscamos referenciais na área, e subsídios para aumentar a qualidade da EAD, especialmente do Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje. A metodologia utilizada foi um estudo de caso, baseando-se em várias fontes de evidências, como documentação, consultas, entrevistas e questionários para coleta dos dados. A pesquisa envolveu levantamento de dados bibliográficos, coleta de dados, tabulação, análise dos dados. Os resultados demonstram que as causas da evasão estão relacionadas com problemas de origem pessoal, problemas de infra-estrutura e problemas com o suporte pedagógico, sendo falta de tempo por excesso de atividades os fatores principais da evasão, levando-nos a um repensar sobre a existência das estruturas sociais que permeiam a educação e a sociedade como um todo. A pesquisa identificou as causas da evasão no contexto de EAD, de modo a contribuir como fonte de conhecimento informativo que permitam tomadas de decisões acertadas junto às futuras edições dos cursos ofertados aos professores em serviço.

Palavras-chave: TV Escola – Evasão nos cursos a distância – Prática Pedagógica – Formação de professores

ABSTRACT

The distance Education in the teacher's formation and the introduction of the technology of information and communication is the educative innovator example in the global world. That research about the run away of the course in school and the nowadays challenges is characterized as the distance formation destined to the teachers, coordinators and directors of public schools of the world's public net, with the objective of favour the necessary base to the Technologies of Information and Communication utilization, in Special TV and video. This work had as aim to investigate the causes that took the frequenter teacher to run away from the course, once in Alagoas as the other states, there were a meaningful number of ran away. We look for area's references and subsidies to increase the quality of EAD, especially the extension course of TV in school and nowadays challenges. The utilized methodology was the study of a case, based in many sources of evidences, as documentation, consultations, interviews and questionnaires to the data collecting. The realized research involved the bibliographical data research, data collecting, to compute and data analysis. The obtained results demonstrate that the causes of the run away is related with the personal origin problems, substructure problems and problems with the pedagogic support, being the timeless for the activities excess the principal factor of the run away, taking us to rethink about the existence of the social structures that place between the education and the whole society. The research identified the causes of the run away is the context of the EAD, contributing as source of the informative knowledge that allow the decisions made and joined to the futures editions of the course offered to the teachers in work.

Keywords: School TV – Distance courses run away – Pedagogic practice – Teacher's forming.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Concluintes e evadidos da 1ª edição – Alagoas.....	55
Tabela 2 - Questionários retornados.....	62
Tabela 3 – Participação e formação acadêmica dos evadidos.....	64
Tabela 4 - Causas da evasão do curso.....	67
Tabela 5 – Problemas Pessoais.....	67
Tabela 6 – Problemas de Infra-estrutura.....	70
Tabela 7 – Problemas com suporte pedagógico.....	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ambiente virtual do Teleduc.....	60
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Coleta de dados.....	17
Quadro 2 - Atribuições do Núcleo e da Coordenação da SEE.....	56
Quadro 3 - Existência do kit tecnológico/estado de conservação.....	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Evasão em cada núcleo por módulo.....	53
Gráfico 2 - Resultado da 3ª edição em alguns estados brasileiros.....	54
Gráfico 3 – Evasão em Alagoas.....	63
Gráfico 4 - Local de trabalho dos cursistas.....	64
Gráfico 5 - Nível de atuação.....	64
Gráfico 6 - Opção pelo curso.....	65
Gráfico 7 – Propostas dos cursistas.....	74
Gráfico 8 – Sugestões dos cursistas.....	74

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	7
LISTA DE QUADROS.....	9
LISTA DE FIGURAS.....	8
LISTA DE GRÁFICOS.....	10
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	20
1.1 A educação a distância no Brasil.....	20
1.2 Secretaria de Educação a Distância e os programas de EAD.....	27
1.3 A UNIREDE: gênese e conflitos.....	34
1.4 Programa TV Escola.....	38
CAPÍTULO 2 - O CURSO DE EXTENSÃO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE	47
2.1 Descrição do curso.....	47
2.2 Organização estrutural.....	48
2.3 Perfil das edições.....	52
CAPÍTULO 3 - EVASÃO NA EAD: O CASO DO CURSO DE ALAGOAS.....	55
3.1 Evasão no curso.....	61
3.2 Perfil dos participantes.....	64
3.3 Causas da evasão	66
3.3.1 Problemas pessoais.....	67
3.3.2 Problemas de infra-estrutura.....	70
3.3.3 Problemas com suporte pedagógico.....	72
CONCLUSÃO.....	76

REFERÊNCIAS	79
ANEXOS.....	85
Anexo 1 – Questionários enviados aos alunos evadidos.....	86
Anexo 2 – Questionários enviados aos Coordenadores Estaduais.....	91

INTRODUÇÃO

As mudanças nos meios de comunicação e o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na educação devem-se ao surgimento de transformações numerosas e rápidas na sociedade, refletindo em mudanças inevitáveis nas novas gerações. As TIC abrem novas possibilidades educacionais gerando desafios para a docência requerendo dessa forma momentos de reflexão sobre a prática pedagógica.

A educação hoje não depende somente da escola e sim de toda comunidade e dos meios de que esta dispõe, determinando novos modelos na prática pedagógica. O intercâmbio de idéias perpassa toda a aprendizagem, assim como a formação de comunidades de aprendizagem, presenciais, semi-presenciais e virtuais.

Atualmente o uso de ambientes virtuais de aprendizagem é um modelo educativo inovador no mundo globalizado, onde dispomos de ferramentas na Internet como chat, fórum de discussão, videoconferências, e-mail, as quais propiciam o desenvolvimento de soluções baseadas no conceito de comunidades de aprendizagem interativas, onde o espaço físico desaparece e a aprendizagem sobre o mundo torna-se real e imediata, como coloca Almeida (2000, p.1), quando afirma que

Praticamente todos os campos da ação humana estão envolvidos com mediadores telemáticos, que interferem nas relações humanas, imprimem às comunicações um caráter de interdependência e simultaneidade e levam as pessoas a imergir no mundo virtual, transformando a visão de homem e de mundo.

O desenvolvimento desta pesquisa sobre evasão na educação a distância (EAD) se justifica pela oportunidade de analisar a utilização da EAD na formação de professores especificamente no Curso de Extensão a distância TV na Escola e os Desafios de Hoje, destinado a capacitação de professores, coordenadores e gestores de escolas públicas de Ensino Médio e Fundamental da rede pública do país, com o objetivo de favorecer o embasamento necessário para utilização das TIC, em especial TV e vídeo.

Vários estudos focalizam o Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje, objeto deste estudo, embora desconheçamos desenvolvimento de pesquisa enfocando as causas concretas da evasão a partir da visão dos professores-cursistas.

Pela relevância com que as mídias vêm tratando Escola e Televisão na participação do desenvolvimento das potencialidades humanas, esperamos contribuir para o processo educativo permeado pela mudança de um novo paradigma. Através da “reflexão-na-ação” e

“reflexão-sobre-a-ação” buscamos encontrar uma nova forma de trabalhar em educação em que a aprendizagem se constitua como algo que parte do interior do sujeito e de sua relação com os demais e com sua realidade, e a aquisição de conhecimentos ocorra de forma interativa, refletindo sobre práticas reais.

Tendo em vista o novo quadro social e para atender à demanda de qualificação de docentes do ensino básico, principalmente nas escolas que dispõem do kit tecnológico¹, foi ofertado o primeiro Curso de Extensão da Universidade Virtual Pública (UNIREDE), o TV na Escola e os Desafios de Hoje, promovido pela Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação (SEED/MEC), em parceria com as Secretarias Estaduais de Educação, favorecendo a oportunidade de capacitação de professores, coordenadores e gestores de escolas públicas de Ensino Médio e Fundamental da rede pública do ensino básico em todo o país, oferecendo formação a distância para utilização das TIC, em especial TV e Vídeo.

Na escola da rede municipal na qual atuamos como professora de Ciências, a qual participa do Programa TV Escola, fomos comunicadas pelo diretor da abertura de inscrições para o curso, oferecendo oportunidade aos professores interessados em participar dele. Diante disso, por já atuarmos com as TIC através da informática e percebendo a necessidade de momentos para uma conscientização, depuração e reprogramação das atividades profissionais a fim de adquirir estímulos e também aperfeiçoamento, aceitamos o desafio e fizemos a inscrição, juntamente com outros professores.

Maior do que o conhecimento a respeito da natureza de um curso a distância, tínhamos curiosidade em adquirir maior habilidade na utilização da televisão e vídeo como ferramenta de trabalho pedagógico. O Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje tem como proposta fornecer o embasamento necessário a nossa prática pedagógica, com a utilização da televisão e do vídeo, como também oportunizar fundamentação para a importância das TIC na escola. A duração do curso foi de 180 horas, sendo 60 horas para cada módulo. No início do curso, éramos nove e todos os professores participantes da referida escola desistiram ainda no primeiro módulo.

Na primeira oferta desse curso, a demanda excedeu o número de vagas. Foram 170 mil inscrições para 30 mil vagas e era a primeira vez no Brasil que uma rede de instituições

¹ Conjunto de equipamentos para recepção dos programas da TV Escola, constituído de: antena parabólica, televisor, receptor de satélite, aparelho de vídeo e dez fitas VHS virgens e um estabilizador de voltagem fornecido às escolas pelo Programa TV Escola.

públicas de Ensino Superior, junto com as Secretarias Estaduais de Educação e SEED, disponibilizavam um curso de extensão em conjunto numa rede de instituições que apresentou em todos os estados envolvidos um significativo índice de evasão.

Pelo entusiasmo com que iniciamos o curso, até por sermos especialista em informática na educação e atuar com as TIC durante doze anos, e interessada em incluir na prática o uso do kit da TV Escola, decidimos investigar por que Alagoas, como os demais estados, apresentou um número significativo de evadidos nas primeiras edições do curso em discussão. Convém ressaltar que evadimos no início do segundo módulo da 1ª edição do curso.

Refletindo sobre esses aspectos, e com o propósito de contribuir com o processo educativo para aprimoramento e melhoria dos cursos à distância, uma vez que EAD é ao mesmo tempo resultado e razão das transformações percebidas na sociedade, junto às TIC, buscamos encontrar subsídios que venham contribuir para a diminuição no índice de evasão nos cursos de EAD, já que o Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje traduz o compromisso da SEED/MEC/Unirede e secretarias estaduais de educação conforme definido por Neves (2002, p. 2).

Os programas desenvolvidos pela Secretaria de Educação a Distância do MEC têm o objetivo de oferecer às escolas de Ensino Fundamental e Médio infra-estrutura, diretrizes e produtos que respeitem a autonomia dos sistemas, promovam parcerias, realcem o projeto pedagógico das instituições e coloquem a tecnologia a serviço da educação.

O que levou o professor-cursista, ciente da necessidade de utilizar-se dos recursos tecnológicos para melhorar sua prática pedagógica, a desistir do Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje? Quais as causas do número tão significativo de evadidos, visto que a demanda excedeu o número de vagas?

Os profissionais da educação optaram pelo curso de acordo com suas necessidades, capacidade de interação e trabalho, por ser ele potencialmente realizável e sem custos, ter horários flexíveis e certificação para plano de carreira. Nossa hipótese é que desistiram devido a dificuldades com a sistemática de trabalho de um curso a distância, em lidar com os recursos tecnológicos, com os processos avaliativos e ainda com tipo do material de estudo, estrutura e metodologia do curso, tutoria ou porque “um curso a distância exige do aprendiz, entre outras coisas, muita disciplina e autonomia de aprendizagem” (COSCARRELLI, 2001, p. 2).

Essas considerações nos parecem importantes, porque esse curso é um programa da EAD oferecido pela SEED/MEC, destinado à formação de professores da rede pública,

resultado de políticas públicas para as tecnologias na educação. Presumimos que teve origem em uma questão que se tornou socialmente problematizada no meio educacional ou apenas é mais uma interferência dos organismos internacionais. Isso leva-nos a uma reflexão quanto ao sentido desse programa, para que não enxerguemos o uso das TIC na educação somente por necessidade de uso de instrumentos e técnicas e sim pela maneira de sua utilização, requerendo dessa forma um olhar mais crítico sobre a prática pedagógica. Acreditamos que as TIC bem utilizadas podem se tornar um elemento estruturante dessa prática, porém isso não acontece em curto prazo, porque mudança de postura é um processo que não se dá apenas com a massificação de programas de políticas públicas de formação de professores, com estratégias, de métodos, técnicas e tecnologia ofertados a escola pública.

Este estudo teve como objetivos: investigar as causas da evasão na EAD; caracterizar o referido curso em Alagoas; levantar informações sobre o perfil dos participantes; identificar o que levou os alunos a escolha do curso e investigar o que levou os alunos a se evadirem do curso em Alagoas.

Nossa pretensão, enquanto pesquisadora na área de educação, especificamente Magistério e Formação de Professores, foi investigar as causas que levaram o professor-cursista a se evadir do curso, uma vez que em Alagoas, na primeira edição, houve um número significativo de evadidos, embora a demanda tenha excedido o número de vagas. Buscamos referenciais que dessem orientações ao segmento educacional para ações que aumentem a qualidade dessa modalidade de educação-EAD, na concretização de uma educação mais democrática, que não atinja somente os profissionais alagoanos, como também os educadores brasileiros.

Para nortear este trabalho, foi estruturada uma pesquisa qualitativa exploratória que nos possibilita um planejamento flexível, no qual investigamos várias fontes de dados, analisados de forma indutiva prevalecendo dessa forma a análise qualitativa dos dados coletados.

A metodologia utilizada envolveu o estudo de um caso, o Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje, o qual enfoca um fenômeno contemporâneo inserido em contexto de vida real. Realizamos a pesquisa por meio de várias fontes de evidências visando fornecer essencialmente avaliações do mesmo fenômeno, “a coleta de dados pode se basear em muitas fontes de evidências” YIN (2001, p. 105). Identificamos as causas da evasão em

Alagoas analisando os motivos que levaram à desistência, levantando hipóteses, baseando-se em documentação por meio de consultas, entrevistas e questionários.

A pesquisa foi realizada utilizando os relatórios finais do curso, nas suas 2ª, 3ª e 4ª edições. Essas foram ofertadas pelo Núcleo Unirede – Alagoas. Também foram usados na pesquisa questionários enviados aos cursistas evadidos, aos coordenadores regionais e entrevistas com o coordenador local, totalizando cinco etapas:

1ª – Levantamento de dados bibliográficos

Pesquisas bibliográficas e webgráficas em publicações científicas sobre EAD e políticas públicas brasileiras, TV na Escola, Unirede, evasão nos cursos de EAD, referenciais de qualidade dos cursos a distância dos relatórios nacionais de cada edição, relatórios do núcleo de Alagoas, materiais do curso: página na Internet, material impresso dos três módulos, vídeos dos três módulos, para obter subsídios para o estudo.

2ª - Coleta de dados

Os dados foram coletados a partir de várias fontes: entrevistas, consultas e questionários, conforme estruturado no quadro 1:

Quadro 1 - Coleta de dados

INSTRUMENTOS	SUJEITOS INVESTIGADOS	OBJETIVOS	DATA
Entrevistas	Coordenador do Núcleo UNIREDE – AL	Adquirir informações sobre o processo e a situação da evasão do curso.	Agosto 2004 Março/2006
	Coordenadora do Curso em Alagoas	Adquirir informações sobre a evasão do curso.	Março/2006
	Tutores	Adquirir informações sobre o processo e a situação da evasão do curso.	Set/2004 Ago/2005 Abr/ 2006
Consultas	Banco de Dados de matrícula da Secretaria Executiva de Educação de Alagoas	Levantar informações sobre o endereço dos participantes do curso.	Junho/2004
Questionários	Coordenadores estaduais dos 27 Núcleos do curso	Analisar como foi o processo e a situação da evasão do curso nos demais estados.	Abr/2005
	Cursistas evadidos nas três edições em AL	Investigar as causas da evasão.	Jul/2004

As entrevistas foram individuais, realizadas pessoalmente e algumas por e-mail, com o Coordenador do Núcleo Unirede-AL, a Coordenadora do Curso na SEE/AL e duas tutoras, para adquirir informações sobre o processo e a evasão nos cursos.

Foram elaborados e aplicados dois questionários com questões abertas e fechadas, enviados:

- a) para os alunos evadidos das três edições em qualquer módulo – via correios;
- b) aos coordenadores de núcleo estaduais para analisar como foi o processo e as causas da evasão via correios e por e-mail.

Para chegarmos aos alunos evadidos, realizamos uma consulta no banco de dados de matrícula da Secretaria Executiva de Educação (SEE) do estado de Alagoas, para levantar informações sobre endereço dos participantes. Deparamos com dados incompletos, faltando nome do bairro, CEP, número da residência tanto de cursistas de Maceió como de outros municípios. Pudemos verificar desorganização desses dados, dificultando a pesquisa com relação ao número concreto de evadidos para sua execução, como também o baixo retorno dos questionários enviados.

A partir dessas informações foram enviados questionários para todos os cursistas evadidos nas três edições do curso em Alagoas. No banco de dados da SED não foram registrados os dados dos cursistas da 1ª edição, tendo em vista que a inscrição se deu de forma centralizada, na Internet, sendo o banco de dados administrado pela Coordenação Geral na Universidade de Brasília (UnB) e repassado, na execução do curso, à coordenação do Núcleo São Francisco, coordenado pela Universidade Federal de Pernambuco, da qual a UFAL, junto com a Universidade Federal de Sergipe, participaram.

3ª – **Tabulação dos dados**

Os dados foram tabulados, organizados em categorias conforme as dificuldades citadas, e após a classificação foram apresentados sob forma descritiva, com gráficos e tabelas.

4ª – **Análise de dados**

A análise envolveu descrição dos dados coletados quantitativamente e qualitativamente, seguida de relatórios descritivos da leitura realizada, buscando evidenciar o verdadeiro significado da evasão dos cursistas.

5ª - Discussão dos resultados

De posse desse levantamento e da análise de dados, selecionamos as questões pertinentes sobre as causas da evasão, em que fizemos as inferências e generalizações, com base nos resultados alcançados, discutidos e comparados com afirmações e contraposições da literatura na área.

6ª - Estrutura do trabalho

Essa pesquisa está estruturada em quatro capítulos: o primeiro enfoca as Políticas públicas de educação a distância, no qual descrevemos a EAD no Brasil, a SEED do MEC e os programas de EAD, papel e funções da Unirede e o Programa TV Escola.

O segundo capítulo trata da Televisão e Educação e discorre sobre o Curso de Extensão: TV na Escola e os Desafios de Hoje.

No terceiro capítulo analiso a evasão na EAD: o caso do curso de Alagoas, caracterizando as três edições, perfil e nível de atuação dos participantes e causas da evasão.

CAPÍTULO 1 - POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

O processo de formação a distância para uso das tecnologias é hoje uma das maiores inovações com respeito à utilização da EAD na capacitação de professores e à introdução das novas tecnologias educacionais em que os profissionais da educação escolhem o curso de acordo com suas necessidades, capacidade de interação e trabalho potencialmente realizável, flexibilidade de horários, certificação para plano de carreira, oportunidade de acesso à educação para aqueles geograficamente distantes.

1.1 - A educação a distância no Brasil

A EAD, utilizada com crescente desenvolvimento em todo o mundo, deve ser vista como uma modalidade educacional alternativa que contribua para a busca de novos paradigmas educacionais numa percepção holística, em que a educação pode se desenvolver como um sistema aberto, em conexão com todas as práticas sociais e na relação com o ser humano.

No Brasil, embora sua origem remonte de há muito tempo com os cursos por correspondência, como os ofertados pelo Instituto Universal Brasileiro, Instituto Monitor e outros, direcionados para as pessoas que ficaram fora do sistema de ensino por motivos diversos ou que optavam por cursos profissionalizantes, esse tipo de educação era visto pela sociedade como educação de segunda classe, uma vez que a clientela maior pertencia às camadas populares.

O avanço da tecnologia, com a contribuição da Internet, trouxe um novo impulso e um novo status à EAD, já tão expandida em todo o mundo, como meio de democratizar o acesso ao conhecimento. Favorece novas possibilidades para uma educação mais flexível, visando melhoria da qualidade no processo educativo. Com a regulamentação em bases legais da LDB, de 20 de dezembro de 1996, através do Art. 80, com portaria nº 301/96, do ministro da Educação e do Desporto que trata de educação a distância em todos os níveis e modalidades de ensino e determina ao poder público incentivar o desenvolvimento e a vinculação de programas de ensino a distância para todos os professores em exercício. A LDB estabelece procedimentos para credenciamento de instituições e autorização de cursos a distancia, constituindo dessa forma a inserção da EAD no sistema educacional brasileiro.

Possibilitando assegurar os dispositivos de incentivo do artigo citado, o MEC, por intermédio da SEED, desenvolve programas de políticas públicas², em diversos horários, áreas diferentes de interesse e profissionais das mais diversas e distantes regiões do país, facilitando a inserção das tecnologias nas escolas públicas.

Desta forma, é relevante que seja organizada como ação consciente e planejada no plano político, como defende Neves (2002, p. 8):

A educação a distancia não é um modismo: é parte de um amplo e contínuo processo de mudança, que inclui não só a democratização do acesso a níveis crescentes de escolaridade e atualização permanente, como também a adoção de novos paradigmas educacionais.

Sabemos que uma das exigências do Banco Mundial, em se tratando de formação de professores em países desenvolvidos, é a inserção das TIC como estratégia de aperfeiçoamento da formação inicial e em serviço, pondo em evidência teoria, prática e pesquisa em todos os segmentos, desde a formação inicial ao desenvolvimento profissional constante. Já nos países em desenvolvimento, destinam-se as TIC e a EAD especificamente a programas de certificação em larga escala, como ressalta Barreto (2003 a, p. 276):

[...] os organismos internacionais concluíram que o dito monopólio do conhecimento detido pelo professor poderia ser quebrado por meio da intensificação do uso de tecnologias da informação e comunicação, assim como se dera nas fábricas pela conversão da subsunção formal pela subsunção real do trabalho ao capital. Com o conhecimento inscrito nos softwares, nos vídeos e nos livros didáticos, um único docente pode atender a um maior número de estudantes, permitindo cortar custos, com a vantagem adicional de uma formação docente mais flexível e condizente com o mundo “globalizado”: preferencialmente a distancia e em menos tempo!

Assim sendo, é de suma importância refletirmos sobre a educação dos novos tempos, uma vez que, como afirma Lévy (1993, p.195),

Na era do planeta unificado, dos conflitos mundializados, do tempo acelerado, da informação desdobrada, das mídias triunfantes e da tecnociência multiforme e onipresente, quem não sente que é preciso repensar os objetivos e os meios da ação política?

²Programa TV Escola, Programa Nacional de Informática na Educação – PROINFO, Programa de Formação de Professores em Exercício – PROFORMAÇÃO, Programa de Apoio à Pesquisa em Educação a distância – PAPED, RIVED e Rádio Escola, Programa de Formação Inicial para Professores dos Ensinos Fundamental e Médio - PRÓ-LICENCIATURA, PRÓ-LETRAMENTO PROINFANTIL, PRÓFUNCIONÁRIO-Programa de Formação Inicial de Funcionários de Escolas, PROGRAMA ÉTICA E CIDADANIA, Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação.

A EAD está se fortalecendo junto com as TIC. Nessa era dos avanços tecnológicos, são necessárias soluções, uma vez que já existem cinco gerações de EAD³, todas com características próprias e, como assegura Rodriguez (2005, p. 2),

[...] aplicar soluções que funcionam em um país que já pratica a 5ª geração não garante êxito, mas serve como ampliação de conhecimento e, quem sabe, compreensão de como o estágio em que a EAD se encontra em nosso contexto, pode se desenvolver.

Não podemos pular etapas, temos que seguir o caminho do desenvolvimento. Para isso o nosso país, envolvido na globalização, necessita emergir nesse contexto de valorização da EAD para acompanhar as novas necessidades do mundo contemporâneo. Porém, se faz necessário adotar uma política na qual o sistema ensino/aprendizagem em nada perca para a educação presencial, e que essa modalidade não seja somente uma alternativa para situações emergenciais, mas também para formação inicial e em serviço de professores com o intuito de atender o Art 87º § 4 da LDB. Este artigo estabelece que em 2006 somente serão admitidos “professores habilitados em nível superior ou formados para treinamentos em serviço”, ou seja, para “corrigir o quadro deficitário de formação de professores existente no país” (CASTRO, s /d, p. 1)

O atual Plano Nacional de Educação, de 9 de janeiro de 2001, apresenta como meta para EAD e Tecnologias educacionais: capacitar, em cinco anos, pelo menos 500.000 professores para utilização plena da TV Escola, 150.000 professores em Informática educativa e ampliar em 20% ao ano a oferta dessas capacitações. Pelo visto, parece tratar o professor como objeto, de modo massificado, quantificável e não como sujeito capaz de tentar transformar a educação ou de buscar sempre uma tentativa de mudança no seu fazer pedagógico. Parece, como afirma Barreto (2003 b, p. 73),

[...] discurso da urgência, da solução mágica e, no bojo de ambos, a desqualificação do saber profissional aos educadores e a desvalorização do seu fazer, já que a exigência decorrente das propostas de mudança não corresponde retribuições salariais, formativas e trabalhistas adequadas.

Percebe-se que atualmente as políticas públicas de EAD junto com as TIC apresentam ambigüidades em diversas situações. Muitos reconhecem como relevante a contribuição da EAD na efetivação das políticas públicas, para possibilitar a todas ações educativas que minimizem a exclusão social na educação brasileira, outros ressaltam posições contrárias aos rumos dessa educação.

³ 1ª-Bíblia sagrada com as Epístolas (cartas), 2ª-os cursos por correspondência (material impresso), 3ª-tele-educação (rádio e televisão), 4ª-microcomputadores (Internet) e 5ª-as Mídias integradas.

Implantar um programa de EAD não é atividade trivial e sim algo complexo se pensarmos em qualidade acadêmica, que não depende somente de vontade política e habilidade técnica. Outros aspectos como clareza de intenções, objetivos, necessidade, condições de acesso às TIC pelos participantes (alunos e professores) devem ser considerados, para que os resultados possam ser alcançados, para que possamos expressar com palavras e ações nossa contribuição para uma real mudança de paradigma educacional ou, pelo menos, avançando em busca dele no qual “nosso desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano” (MORAN, MASETTO e BEHRENS 2003, p. 15),

Sendo um desafio, devemos repensar a EAD como estratégia política, buscando na formação do professor o centro do processo educacional em que ele seja sujeito de sua própria educação e não objeto dela, que busque uma “consciência crítica e não ingênua”, e que “Face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceite o novo por ser novo, mas aceita-os na medida em que são válidos” (FREIRE, 2003, p. 41).

A EAD desperta interesse em todos os setores da sociedade atual, presenciamos em nosso cotidiano a inundação de ofertas de cursos a distância. Na medida que estão disponíveis e suprem interesses diversos, sua utilização se generaliza e podemos pensar em uma nova postura educacional, apoiada pelas TIC e por novas concepções de conhecimento, devido às novas exigências impostas pela sociedade, uma vez que a EAD “se constitui em um canal privilegiado de interação com as manifestações do desenvolvimento científico e tecnológico no campo das comunicações” (LOBO NETO, 2003, p. 406).

Essa reflexão elucida-nos na buscar de estratégias que realmente disseminem informações suficientes para uma compreensão mais profunda das possibilidades da EAD, desde que se analisem as variáveis que dificultam ou impedem a efetivação dos programas hoje existentes, tendo como prioridade a concepção educacional, identificando a EAD de forma mais consistente, em que se preocupem com os resultados positivos ou não e divulguem os resultados inesperados e ditos negativos, como a evasão de professores. Segundo Parker apud Collins (2004, p. 55),

A persistência em educação a distância é um fenômeno complexo influenciado por um grande número de variáveis[...] pesquisas qualitativas e quantitativas são necessárias para combinar esse grande número de variáveis e determinar sua capacidade em prever desistência em educação a distância.

São necessários estudos mais apurados quanto a essas variáveis nos cursos ofertados para capacitação em serviço, seja presencial ou a distância.

Percebemos que a EAD integrada com as TIC coloca como desafio a criação de novos ambientes de aprendizagem que incorporem diferentes tecnologias e recursos, fortalecendo dessa forma o aperfeiçoamento constante para o professor. A globalização nos força a buscar teorias para fundamentar os projetos educacionais para a realidade de nação em desenvolvimento e faz com que a tecnologia seja estímulo para implantação de programas que visem à concreta qualificação dos professores. A formação continuada ou não de professores é uma ação política de formação da cidadania e não simplesmente uma “formação aligeirada”, alicerçada pela “espetacularização da política” (BELLONI 2003, p. 7).

Mais importante do que discutirmos a sua validade é que não nos passem despercebidas as possibilidades da EAD para a inclusão educacional e o desenvolvimento como ser humano de parte considerável da nossa sociedade, como avalia Almeida (2003 a, p. 164):

Evidencia-se a necessidade de congregar esforços entre poder público, instituições de ensino, especialistas, pesquisadores e educadores, a fim de aprofundar o debate sobre as concepções de educação, tecnologia e educação a distância, bem como desenvolver metodologias que favoreçam uma educação voltada à profissionalização associada ao desenvolvimento das potencialidades do ser humano e à melhoria de qualidade de vida.

Diante disso faz-se necessário um amplo esforço estabelecido entre diversas instâncias, como o Poder Público, instituições educacionais, pesquisadores e todos os segmentos atrelados à educação, objetivando adotar concepções de EAD para desenvolver projetos visando democratizar o acesso ao conhecimento, “desenvolver projeto humanizador, capaz de livrar o cidadão da massificação, mesmo quando dirigido a grandes contingentes” (NEVES, 2003 , p. 8).

É necessário considerar que existem vários sistemas e programas de EAD nas instituições de ensino, procurando acompanhar esse momento de forte pressão da sociedade em relação a novas demandas da educação, desafiando as instituições a repensarem suas práticas e a ofertarem esse modelo pedagógico, ao mesmo tempo em que oferecem soluções para problemas existentes na sociedade de informação, na qual as informações nos chegam com rápida velocidade e são contínuas, atualizadas e transformadoras.

Projetos de EAD são inseridos em políticas educacionais, e as Universidades montam seus programas nessa modalidade contando com uma Comissão Assessora criada pelo MEC

por meio das Portarias nº 335, de 6 de fevereiro de 2002, nº 698, de 12 de março de 2002, e nº 1786 de 20 de junho de 2002, para dar apoio à Secretaria de Educação Superior (SeSu), encarregada de criar propostas para regulamentação da EAD no ensino superior, como também criar procedimentos de supervisão e avaliação do ensino superior a distância, juntamente com representantes da SEED, da Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC), da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).

De acordo com os referenciais de qualidade de cursos a distância do MEC/SEED (2003), são sugeridas como orientações para as instituições envolvidas com cursos de EAD: pré-testar materiais didáticos e recursos tecnológicos a serem usados no programa, e providenciar suporte pedagógico, técnico e tecnológico aos alunos e aos professores tutores e técnicos envolvidos no projeto, durante todo desenrolar do curso, de forma a assegurar a qualidade no processo.

Diversos programas e cursos são oferecidos pela SEED/MEC, em parceria com secretarias de educação dos Estados e municípios voltados para formação de professores, embora isso não seja eficaz, porque as metas estão centradas no produto e não no processo, ou seja, levam-se em conta os aspectos quantitativos, e não os qualitativos como sendo um monitoramento quanto à efetividade da apropriação desses recursos tecnológicos, uma vez que os professores, coordenadores e gestores se mantêm passivos e resistentes, não apresentando, na maioria das vezes, apropriação significativa no desenvolvimento da sua prática pedagógica.

Essas ações precisam ser repensadas, visando a uma tomada de consciência da importância dos projetos de EAD comprometidos com a qualidade e que os resultados alcançados nas avaliações nacionais sejam qualificados e não apenas quantificados, como observamos nos discursos de Faria, Quezado, Fiorentini (s/d, p. 10): “em menos de três anos conseguimos que tenham passado pelo curso e seus materiais quase a metade das mais de duas centenas e meia de milhares de primeiros pedidos de inscrição”.

Os números e dados quantitativos são necessários, porém as avaliações não podem se restringir a eles. É importante aliar quantidade, qualidade e desafios para que no final do processo os educadores vislumbrem a necessidade de transformação a fim de que os cursos a distância funcionem como catalisadores da mudança de paradigma educacional e não considerando apenas número de professores cursistas. De nada adianta passar pelo curso, isso

não é indicativo de aprendizagem e mudança. É necessário que os educadores tenham a oportunidade de compreender o significado dessas referências, criticá-las, interiorizar, experimentar e refletir os aspectos novos que viveram durante a formação para então modificar ou ampliar sua prática pedagógica.

É preciso que se tome a decisão política de implantar programas de educação a distância, conforme salienta Almeida (2003 a, p.190), “cautelosamente acompanhados e avaliados de acordo com as características do projeto e as condições contextuais, as quais podem apontar diferentes direções”, uma vez que atendem a diferentes realidades com diferentes propósitos.

É por isso que precisamos nos posicionar com ideais de cidadania, indagando qual o futuro da EAD no nosso país, e se realmente está contribuindo para a sua importância social na educação brasileira. Representamos nosso pensamento pelas palavras de Freire (2004, p. 22),

A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes.

Parece evidente que os programas de EAD destinados a formação inicial, continuada ou aperfeiçoamento de professores expressam um grande discurso pela adoção de EAD como opção para expandir espaços e atingir as mais longínquas regiões do Brasil. Mas será que no campo prático as políticas públicas não estão responsabilizando o docente como o veículo principal da melhoria da qualidade da aprendizagem e esquecendo que devemos compreender as estruturas sociais que perpassam nossa sociedade?

Será que as avaliações de políticas de EAD estão se realizando como deveriam? Realmente esses programas ofertados estão melhorando a aprendizagem? Os professores inseridos nessas capacitações estão se apropriando de conhecimentos como ferramenta na sua prática pedagógica?

Acreditamos que, se os órgãos vinculados às políticas educacionais analisassem mais detidamente a efetividade dos programas na prática pedagógica, talvez o resultado fosse melhor, pois entendemos a EAD integrada com as TIC como uma ferramenta capaz de proporcionar a reflexão necessária à prática pedagógica, como também o desenvolvimento de competências ao longo do processo, e que se aproxime mais do objetivo proposto, ou seja, com a intenção de contribuir para catalisar a mudança na educação brasileira.

1.2 - Secretaria de educação a distância e os programas de EAD

A atuação da SEED se dá por meio de uma política cujo discurso é a democratização e a melhoria da educação brasileira, na qual o Ministério da Educação determina sua atuação como um agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, incitando a incorporação das TIC e das técnicas de EAD aos métodos didático-pedagógicos.

Como estratégia de ampliação das possibilidades da EAD no âmbito das políticas públicas foi criada pelo Ministério de Educação (MEC) a SEED, através do Decreto nº 1917, em 27 de maio de 1996, com o objetivo de traçar linhas de ações e programas de formação e aperfeiçoamento de professores a distância, visando melhorar a qualidade de aprendizagem do aluno da escola pública e dando oportunidade de inserção das tecnologias na escola.

Desde a criação, em 1996, a SEED apresenta na sua estrutura organizacional três departamentos: Departamento de Informática na Educação a Distância (DEIED), Departamento de Políticas de Educação a Distância (DPEAD) e Departamento de Produção e Divulgação de Programas Educativos (DPDPE).

Por meio do Art. 26 do Decreto nº 5159 de 28 de julho de 2004, a SEED sofreu uma reestruturação tanto em nomenclatura, quanto as atribuições dos departamentos, apresentando atualmente a seguinte estrutura:

a) Departamento de Produção e Capacitação em Programas de Educação a Distância (DPCEAD), responsável pelas ações de produção e capacitação dos programas de inovação tecnológica: Proinfo, TV Escola, Proformação e Rádio Escola.

b) Departamento de Infra-Estrutura Tecnológica em Educação a Distância (DITEC), tem a incumbência de promover o uso das tecnologias na educação, disseminar informações, pesquisar e divulgar soluções e produtos e apoiar os Núcleos de Tecnologia de Educação (NTE) e as escolas, como também as ações de aquisição de equipamentos relativos ao ProInfo, TVEscola e Rádio Escola.

c) O DPEAD fica com responsabilidade de fomentar a pesquisa e desenvolvimento de produtos e processos, incentivando cursos a distância de nível superior, avaliando os resultados dos projetos da SEED, além de promover a regulamentação da educação a distância no País. Tem ainda sobre sua responsabilidade promover a articulação da SEED com as demais Secretarias do MEC, representações da sociedade, instituições e autoridades estaduais e municipais.

A SEED também presta apoio técnico e pedagógico a projetos e programas cujas coordenações estejam em outras Secretarias, a exemplo do Proinfantil e Escola de Gestores, iniciado em 2004 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e transferido para a Secretaria de Educação Básica (SEB).

Dentro da sua articulação interministerial, o MEC/SEED participa do Acordo de Cooperação Técnica firmado entre o Ministério de Trabalho e Emprego (MTE), MEC, SENAI, Governo do Estado do Piauí e uma empresa de informática (INTEL), que visa à execução do Programa Aluno Técnico – Primeiro Emprego⁴.

Entre outras, uma das missões da SEED é capacitar professores para a produção multidisciplinar de tecnologia educacional e para qualificar os sujeitos da educação para sua gestão, através dos programas que desenvolve.

Atualmente são desenvolvidos pela SEED/MEC os seguintes programas: TV Escola, Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo), Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO), Programa de Apoio à Pesquisa em Educação a distância (PAPED), Rede Internacional Virtual de Educação (RIVED), Rádio Escola, DVD Escola, Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação - Mídias na Educação, Projeto Proconexão, Mídia Escola, Universidade Aberta do Brasil (UAB).

O PROINFO, criado pelo MEC em 9 de abril de 1997, desenvolvido pela SEED em parceria com as Secretarias Estaduais e algumas Municipais de Educação, tem o objetivo de promover o uso da Telemática como ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem no ensino público fundamental e médio.

As diretrizes do Programa prevêm o fomento de computadores para as escolas com no mínimo 700 alunos e que apresentem um projeto de uso pedagógico das TIC, o qual deve ser aprovado pela Comissão Estadual de Informática na Educação. O Programa PROINFO funciona de forma descentralizada, e sua coordenação é de responsabilidade federal e a operacionalização conduzida pelos estados e municípios.

Em muitos estados existe uma Coordenação Estadual PROINFO que prevê a formação de recursos humanos capacitados ou em capacitação, ambiente adequado para instalação de

⁴ O objetivo desse programa é a criação de oportunidades de trabalho para jovens de maior exclusão social na área de tecnologia da informação, por meio de oficina-escola de montagem, recuperação e manutenção de microcomputadores.

equipamentos (segurança, rede elétrica), caracterizado como um laboratório de informática para implementar tal projeto.

A Coordenação citada articula as ações do NTE, locais dotados de infra-estrutura que reúnem profissionais e especialistas em TIC, profissionais esses capacitados pelo PROINFO para desenvolver capacitação e acompanhamento pedagógico às escolas, prestando orientações aos gestores, coordenadores, professores e alunos quanto ao uso das TIC no processo educacional.

O Programa de Formação de Professores em Exercício – Proformação tem como objetivo legalizar a situação de professores leigos, cerca de 50.000 professores que estão lecionando nas quatro séries iniciais do ensino fundamental em diversas regiões do Brasil (Norte, Nordeste e Centro-Oeste), que se encontram sem a habilitação exigida pela LDB, que exige nível superior e os professores não têm nem o nível médio.

É um curso de nível médio de ensino a distância, com habilitação para o magistério na modalidade Normal, realizado pelo MEC em parceria com os estados e municípios. Destina-se aos muitos professores que estão trabalhando nas quatro séries iniciais, alfabetização, ou Educação de Jovens e Adultos (EJA) e têm dificuldade em frequentar cursos presenciais.

Oferece 3.200 horas de curso, é realizado em quatro módulos de 800 horas cada, distribuídas em 20 semanas. Possui materiais didáticos como 32 guias de estudo, 32 cadernos de verificação de aprendizagem e 32 fitas de vídeo. Os conteúdos são desenvolvidos em aulas presenciais, sessões com atividades de estudo individuais e atividades coletivas presenciais orientadas por tutores a cada duas semanas.

Também possui materiais de apoio e implementação como Guia Geral, Manual de Operacionalização, Manual do Tutor, Textos de Apoio do Tutor e Vídeo de Capacitação do Tutor.

O PAPED é desenvolvido pela SEED, em parceria com a CAPES. Dar apoio a projetos visando o desenvolvimento da educação presencial e/ou a distância. Em 2005 realizou duas chamadas. Uma para dar apoio financeiro na elaboração de teses de doutorado e dissertações de mestrado para desenvolver produtos científicos sobre a área do conhecimento de EAD, para avaliar e divulgar as experiências realizadas com o uso das TIC, destinado a estudantes da Pós-Graduação Stricto Sensu. A segunda é a premiação de materiais didático-pedagógicos de produtos multimídia para uso em cursos ou disciplinas presenciais ou a

distância na educação Básica ou Superior, desenvolvidos por docentes e pesquisadores de cursos de Graduação e de Pós-Graduação Stricto Sensu.

O Rádio Escola atua nas escolas públicas ou comunidades. Desenvolve ações que utilizam a linguagem radiofônica para o aprimoramento pedagógico de comunidades escolares, o desenvolvimento de protagonismos cidadãos e o treinamento de grupos profissionais que se interessam na utilização e mobilização dessa mídia com a finalidade de difundir e desenvolver práticas pedagógicas. Fornece também recursos para produzir atividades ligadas à prática docente.

O Projeto Rádio Escola colabora dando apoio a capacitação e atualização de professores alfabetizadores em todo o país ao produzir programas radiofônicos educativos. Professores e radialistas recebiam pelos Correios kits das séries contendo programas de rádio, gravados em fitas cassetes ou cds, acompanhados de um guia impresso com instruções de uso e sugestões de atividades pedagógicas. Hoje todo esse material está disponível no site: <http://200.130.6.200/>, ampliando dessa forma as possibilidades de uso na alfabetização de jovens e adultos.

Atualmente, o Rádio Escola está desenvolvendo, em parceria com Secretarias Estaduais de Educação, um curso de capacitação de professores, desenvolvida pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

O projeto Educomrádio centro-oeste é desenvolvido em parceria entre a Universidade de São Paulo, MEC e a Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso. Beneficia estudantes indígenas e afros-descendentes da região Centro-oeste do país que frequentam Ensino Médio. Cada escola envolvida recebe um kit contendo todo o material necessário para a instalação de uma rádio com antena, caixas receptoras, microfones, gravadores de mão, mesa de áudio de oito canais, CD-player, gravadores para estúdio, fones.

A RIVED foi criada em 1997, iniciativa do acordo Brasil-Estados Unidos, patrocinado por recursos dos países participantes, mas no seu início, foi assistido com recursos do Banco de Desenvolvimento Americano e da UNESCO (BRASIL, 2005) com o propósito de melhorar o ensino de Ciências e de Matemática, no Ensino Médio, voltada ao desenvolvimento da tecnologia para uso pedagógico. Utiliza a tecnologia atual para melhorar o ensino das Ciências e da Matemática no ensino médio. Atualmente é denominada Rede Interativa Virtual de Educação.

Visa a produção de conteúdos pedagógicos digitais voltados para a aprendizagem, visando melhorar a aprendizagem das disciplinas da educação básica. Além de promover a produção e publicar na Internet os conteúdos digitais para acesso gratuito, o RIVED realiza capacitações sobre a metodologia para produzir e utilizar os objetos de aprendizagem nas instituições de ensino superior e na rede pública de ensino.

Os objetos de aprendizagem produzidos pela RIVED são atividades multimídia, interativas, na forma de animações e simulações. Os conteúdos ficam armazenados num repositório e, quando acessados, via mecanismo de busca, vêm acompanhados de um guia do professor com sugestões de uso. Esses conteúdos podem ser acessados através do sistema de busca on line, que permite visualizar, copiar e comentar os conteúdos publicados.

Mídias na Educação-Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação realizado a distância, através de módulos, com o objetivo de proporcionar formação continuada para o uso pedagógico das diferentes TIC – TV e vídeo, informática, rádio e impressos – de forma integrada ao processo de ensino e aprendizagem. É destinado aos profissionais de educação, para produzir e estimular a produção nas diversas mídias. Possibilita diferentes percursos de aprendizagem e certificação. A previsão é de três níveis de certificação constituindo ciclos de estudo: o Ciclo Básico, de Extensão com 120 horas de duração; o Intermediário, de Aperfeiçoamento, com 180 horas; e o Avançado, de Especialização, com 360 horas.

Já em 2005 foi implementada a versão piloto, on line, no ambiente e-ProInfo, para 1.200 multiplicadores e tutores de todos os estados brasileiros. Em 2006, será oferecida versão on line do Ciclo Básico, com certificação em extensão, para dez mil profissionais de Educação Básica.

É desenvolvido pela SEED/MEC em parceria com secretarias de educação e universidades públicas. A produção, oferta e certificação dos módulos, assim como a seleção e a capacitação de tutores é de responsabilidade das universidades.

O Projeto Proconexão é uma ampliação do PROINFO visando prover acesso à Internet aos laboratórios de informática do ProInfo por meio do Ministério da Educação, por intermédio da SEED. É uma parceria com o Ministério das Comunicações e tem como meta disponibilizar acesso à Internet e mais um conjunto de outros serviços de inclusão digital às escolas públicas que ainda não possuem conexão à rede mundial de computadores.

O Projeto é constituído de duas linhas de atuação. O Programa GESAC-Educação: vinculado ao Programa Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão, criado com o objetivo de beneficiar as escolas localizadas em municípios que apresentem baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e localizadas em regiões onde as redes de telecomunicações tradicionais não oferecem acesso local à internet em banda larga. E o Programa PDDE-Conexão: vinculado ao Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), ação do Ministério da Educação executada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O PDDE-Conexão constitui-se em um montante de recursos financeiros a ser repassado às unidades escolares, de modo a promover o desenvolvimento de projetos pedagógicos que estejam relacionados ao acesso à rede mundial de computadores.

Mídia Escola visa a divulgação e a disseminação das produções, com o uso das tecnologias de informação e comunicação, desenvolvidas por alunos de nossas escolas públicas, sob a orientação de seus professores.

Podem participar do Programa todas as escolas das redes públicas de ensino que tenham acesso a: laboratório de informática com conexão à Internet; filmadora digital; equipamento de rádio na web e gravador de CD-Rom.

A inscrição da escola será feita pelo coordenador estadual ou municipal do Proinfo, no endereço eletrônico midiaescola@mec.gov.br. As inscrições serão efetivadas com a realização dos dois procedimentos (inscrição da escola pelo coordenador do PROINFO e o recebimento do CD-Rom).

Universidade Aberta do Brasil (UAB). O Projeto UAB foi criado pelo Ministério da Educação, em 2005, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação, para a articulação e integração de um sistema nacional de educação superior a distância, em caráter experimental, visando sistematizar as ações, programas, projetos, atividades pertencentes às políticas públicas voltadas para a ampliação da oferta do ensino superior no Brasil.

O Sistema Universidade Aberta do Brasil é uma parceria entre consórcios públicos nos três níveis governamentais (federal, estadual e municipal), participação das universidades públicas e demais organizações interessadas.

O Ministério de Educação, através da SEED, lançou o Edital N° 1, em 20 de dezembro de 2005, com a Chamada Pública para a seleção de pólos municipais de apoio presencial e de cursos superiores de Instituições Federais de Ensino Superior na Modalidade de Educação a Distância para a UAB.

DVD Escola é um projeto voltado para a atualização tecnológica e democratização da TV Escola, uma vez que o acervo e os modernos aparelhos de DVD alcançarão escolas públicas ainda não atendidas.

Além de atender novas escolas, vai contemplar os 375 NTE cadastrados pela SEED, que receberão aparelhos de gravação de DVD para que possam atuar como pólos de difusão e atualização permanente das novas programações da TV Escola.

Foram adquiridos e estão sendo enviados a 50 mil escolas públicas de ensino básico um aparelho de reprodução de DVD e uma caixa com 50 mídias DVD para cada escola contendo, aproximadamente, 150 horas de programação produzida pela TV Escola.

As escolas beneficiadas por essa ação da TV Escola passaram por etapas de seleção que obedeceram a alguns critérios: dispor de pelo menos um televisor em perfeitas condições de funcionamento; não ter antena parabólica, analógica ou digital para receber a programação da TV Escola; ter mais de 100 alunos, critérios esses identificados mediante consulta aos dados do Censo Escolar 2004 das escolas estaduais e municipais.

Complementando o Projeto DVD Escola, uma segunda quota adicional de conjuntos recebidos em doação da Receita Federal beneficiou outras escolas públicas.

São linhas de ação da SEED “levar para a escola pública toda a contribuição que os métodos, técnicas e tecnologias de EAD podem prestar à construção de um novo paradigma para a educação brasileira” (BARRETO, 2003 b, p.16). Serão estratégias suficientes os métodos, técnicas e tecnologias de EAD, quando sabemos não parecer muito fácil dar contribuição para substituir o velho pelo novo otimizando recursos públicos que possibilitam ao professor desenvolver sua práxis? Como afirma Fávero citado por Candau (1988, p. 70).

[...] a formação do educador não se concretiza de uma só vez. É um processo. Não se produz apenas no interior de um grupo, nem se faz através de um curso. É o resultado de condições históricas. Faz parte necessária e intrínseca de uma realidade concreta determinada.

Se há algo questionável é com relação a essa oferta de programas e cursos para o docente, dando ênfase a técnicas de educação, parecendo treinamento, e não às transformações decorrentes do processo. Defendemos que a melhoria da educação não se dá com treinamento, como coloca Pretto (2003, p. 41):

O treinamento consiste em preparar rapidamente a mão-de-obra para tarefas que às vezes deixam de ter razão de ser enquanto que a educação é algo que instrumentaliza o homem para mais e melhor cidadão, para entender o mundo, para se tornar um ser humano na sua plenitude.

Partindo do ponto de vista político-pedagógico, as TIC geram desafios para o trabalho docente, porém, para acontecer mudança de paradigma, é preciso mudança de postura da sociedade educacional, e esse processo não se dá apenas com políticas de formação de professores com estratégias de treinamento, capacitação ou reciclagem maciça dos professores. Também não se dá sem as políticas, diretrizes, ação estratégica. Os professores sozinhos não dão conta da mudança!

Será que os docentes, ao participarem desses programas, estão aptos a fazer uso apropriado das TIC, contribuindo dessa forma para a melhoria da qualidade da educação ou para contribuir na construção de um novo paradigma para a educação brasileira?

É necessário propor aos docentes desafios que lhes exijam respostas através de seu fazer pedagógico, baseado numa concepção de educação libertadora, “práxis que implica na ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1983, p.77).

Observamos nas experiências profissionais que as TIC, no âmbito educacional, quer presencial, semi-presencial e à distância, não fazem a mudança ou não a provocam pelo simples uso em educação. A partir da abordagem adotada, na qual se priorize o papel do professor, é possível fazê-lo compreender que

associar as TIC significa utilizar essas tecnologias para a representação, a articulação entre pensamentos, a realização de ações, aos métodos ativos de aprendizagem desenvolve a habilidade técnica relacionada ao domínio das tecnologias em uso e, sobretudo, articula esse domínio com a prática pedagógica e com as teorias educacionais que o auxiliem a refletir sobre a própria prática e a transformá-la (ALMEIDA, 2002, b, p. 43).

A partir dessa visão pode ocorrer mudança qualitativa, pois quando inseridos no processo usando esse tipo de abordagem mesmo o mais tradicional professor sente necessidade de refletir sobre sua postura pedagógica, mesmo que ele não extrapole o patamar da resistência, mas não será o mesmo após a experiência interativa com essas ferramentas. Acreditamos ser este um dos motivos para a desistência, e dessa maneira vemos as TIC como recursos incitadores de possível mudança de paradigma.

1.3- A UNIREDE: gênese e conflitos

Entre 1999 e 2001 houve formação de redes de cooperação acadêmica buscando o desenvolvimento da EAD no ensino superior, com o objetivo de planejar, construir e implementar ambientes virtuais de aprendizagem, preparando profissionais para formação de

tutores e monitores para atuar com educação a distância. Buscava também integrar o uso dos recursos das TIC nos serviços acadêmico-administrativos das instituições, surgindo no cenário nacional grandes redes de consórcio de Universidades brasileiras, como o Consórcio de Universidades Públicas do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ); a Rede Brasileira de Educação a Distância, composta por 10 instituições privadas, o consórcio Unirede, uma associação de universidades públicas federais, estaduais, municipais e outras.

A Unirede surgiu quando em meados de 1999, um grupo de professores universitários reuniu-se, representando dezoito Universidades brasileiras, a fim de discutir uma solução para melhorar o ensino público e atender o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, objetivando a valorização da escola pública, o uso das TIC e as exigências de formação superior para os professores em programas de EAD da educação pública brasileira.

Com o Decreto nº 2.494 de 10/02/94 regulamentando a EAD no Brasil, surgem várias ações do MEC com a finalidade de regulamentar e credenciar as instituições de ensino interessadas em ofertar cursos de graduação e educação profissional tecnológica a distância. Foi então criada, em abril de 2000, pela Portaria nº 495, uma comissão formada de técnicos do MEC e de outros órgãos federais e estaduais para o desenvolvimento de projetos, critérios, padrões e procedimentos para a organização de cursos superiores de graduação a distância. Assim, em 12 de abril de 2000, pela portaria nº 129, o Ministro da Ciência e Tecnologia criou um grupo de trabalho para elaboração de um projeto de infra-estrutura tecnológica para a implantação da Unirede.

Em agosto do mesmo ano, data de sua formalização, congregava sessenta e duas Instituições de Ensino Superior entre Universidades federais, estaduais e Centros de Educação Tecnológica (CEFET). Nessa mesma data, toma posse o primeiro Comitê Gestor da Unirede, responsável pelo seu gerenciamento.

O primeiro grande programa implementado pela Unirede, na perspectiva de consolidar a EAD como alternativa de democratizar o acesso ao Ensino Superior público foi o de Formação de Professores, com a oferta do Curso de Especialização Lato Sensu em formar professores universitários para atuar em EAD.

Apesar de formado por instituições públicas, o consórcio não garante ensino público totalmente gratuito. Verificamos que hoje ocorre um desvio de rumo quanto à gratuidade de Ensino Superior e dos cursos a distância, pois percebemos que os cursos superiores à

distância são realizados junto às secretarias municipais mediante contrapartidas financeiras. Porém, sem recursos financeiros oriundos de alguma fonte não é possível desenvolver a EAD nem educação presencial, conforme coloca Leite e Faria (2006, p. 1).

Os recentes levantamentos indicam que os avanços da EAD no setor público ocorreram nos estados que investiram recursos próprios ou de órgãos de fomento externo, ou ainda naqueles em que as instituições de ensino fizeram parcerias com as secretarias de educação dos municípios, visando formar professores ainda não licenciados.

De acordo com o Termo de Adesão, a Unirede, desde sua criação, é gerenciada de forma descentralizada, apresentando a seguinte estrutura organizacional: as decisões relativas aos trabalhos diários são de responsabilidade do Comitê Gestor, enquanto as diretrizes gerais são definidas pelo Conselho de Representantes, composto por 70 representantes das instituições consorciadas, através de votação. Para as áreas administrativa, financeira, técnico-pedagógico e interinstitucional a Unirede conta com Assessorias que auxiliam as decisões do Comitê Gestor, sob responsabilidade de várias instituições de ensino.

O Conselho Consultivo, formado por representantes de instituições parceiras, assessora e apóia as ações da Unirede. Os Núcleos regionais são unidades de gestão descentralizadas dos projetos em andamento, e os Grupos de Trabalho formados por técnicos das instituições consorciadas elaboram novos projetos em EAD.

Como podemos perceber, a Unirede é o pólo das diretrizes gerais, e trabalha criando consórcios regionais, cujo objetivo é descentralizar as estratégias de EAD e facilitar sua adequação às diversas realidades do País, contando com vários consórcios regionais.

A Unirede constitui o maior consórcio de instituições públicas de ensino superior do Brasil, sendo responsável por “elevar a qualidade dos cursos universitários, desenvolver novas metodologias de ensino e ampliar os programas de capacitação do magistério”. (SOUZA, 1998, p. 18). Porém, desde o discurso de sua criação pelo então Ministro da Educação Paulo Renato Souza, apresenta ambigüidades quanto ao funcionamento, gerando críticas por parte de profissionais inseridos em EAD e de seus pares nas universidades, promovendo discussões contundentes.

Após cinco anos de sua criação percebemos que ocorreram avanços quanto ao aumento do número de instituições conveniadas, contando com núcleos regionais em 27 estados brasileiros, atuando de forma descentralizada “Hoje são mais de setenta universidades consorciadas visando o desenvolvimento da EAD no nosso país, gerenciando e articulando

projetos e cursos de várias instituições do consórcio na área de EAD” (LEITE e FARIA, 2003, p. 5).

A Unirede é constituída por outros consórcios menores como também por centenas de pólos educacionais espalhados por nosso território no sentido de realizar a cooperação acadêmica visando implantar estratégias de EAD como também ajustá-las às diversas realidades do país.

Segundo Leite e Faria, (2003, p. 2), a missão da Unirede é um grande desafio uma vez que trata da implantação de um novo paradigma que

[...] vão do pensar à concepção do novo, passando pelas exigências das mudanças de comportamentos, até a ações no campo da prática coletiva, enfrentando as barreiras político-ideológicas das estruturas conservadoras que reagem ao novo.

Atualmente, a Unirede como única representante das instituições públicas federais do país em EAD quer se fazer presente na Comissão da Reforma Universitária criada pelo MEC, ou seja, o Comitê Gestor da Unirede encaminhou um pedido de solicitação para ter um dos seus integrantes como membro da referida comissão, objetivando participar das discussões para implementação de novas modalidades de ensino como alternativas à educação presencial.

Logo após a implantação da Unirede, em agosto de 2000, em entendimento com a SEED/MEC, foi formalizado o primeiro repasse de recursos oficiais diretos do governo para programas de consórcio.

A SEED tendo como parceria a Unirede, e pela necessidade dos professores do ensino básico utilizarem as TIC visando melhorar o desempenho profissional, lançou a primeira edição do curso de extensão a distância: TV na Escola e os Desafios de Hoje.

A Universidade de Brasília – UnB é a unidade executora da Unirede, assegurando-se como base para todas as ações no âmbito da Unirede e SEED/MEC. A UnB, por sua vez, a partir de convênios firmados com outras 24 universidades integrantes da Unirede que participam da oferta do curso em 27 núcleos regionais do país, assegura o destino e o repasse dos recursos previstos no projeto para os núcleos locais conveniados.

Cabe a cada Universidade conveniada elaborar os relatórios parcial e final do curso em sua região/pólo, de pesquisa avaliativa e de prestação de contas, na época prevista, cabendo à UnB a elaboração do relatório avaliativo final do Curso e relatório final de prestação de contas, a partir da análise dos relatórios encaminhados pelas 27 universidades conveniadas para o Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje.

Esse curso é fruto de uma necessidade de se aproveitar melhor o acervo da TV Escola, com a pretensão de diminuir os fatores profissionais, econômicos e de espaço geográfico que dificultam a qualificação de um número considerável de profissionais da educação que desejam apropriar-se dos recursos tecnológicos como TV e Vídeo, visando integrar a televisão à prática pedagógica.

As universidades integrantes da Unirede que participam da oferta do curso são responsáveis pela coordenação e administração do curso, seu controle acadêmico, e a prestação de contas.

1.4– Programa TV Escola

Pela relevância com que a sociedade vem tratando a televisão, hoje universalizada dentro de nossa cultura, constituindo um processo de controle social, uma vez que participa do desenvolvimento das potencialidades humanas e após a definição do padrão brasileiro para TV em cores (PAL-M) e a criação de uma empresa estatal em telecomunicações de longa distância (Telebrás), em 1972, a transmissão via satélite e o interesse governamental de promover a integração nacional, várias emissoras se organizaram e houve um aumento significativo no número de estações e de televisores nos lares brasileiros.

A televisão é um dos meios de comunicação de massa. Verifica-se que os programas atuais exibidos na televisão comercial invadem o mundo particular, independente de classe social. Esses programas são desprovidos de compromissos sociais, expondo os telespectadores a padrões de comportamento negativos, promovendo e “prejudicando uma visão humanista mais ampla que um processo geral de integração social através do conhecimento pode proporcionar” (DOWBOR, 2001, p 57).

A TV desenvolve educação paralela, em concorrência com o professor, devido às informações que veicula por meio do jogo de imagens que atraem e encantam os alunos, tornando-se um agente fundamental de socialização da nova geração, que já nasce num mundo de comunicação audiovisual.

Atualmente encontra-se em processo de implantação a TV Digital no Brasil, estando em fase de definição um sistema padrão brasileiro de TV Digital terrestre (SBTVD), por meio do Ministério das Comunicações.

A TV Digital no Brasil representa a possibilidade de aumento nas opções de programas, recepção de informações com novos formatos, inclusive a interatividade, melhoria de imagem e do som, trazendo uma maior qualidade nas transmissões e proporcionando algumas mudanças para a população brasileira, “[...]mais de que qualquer outro meio, a televisão digital poderá transformar e reconfigurar o cenário da mídia eletrônica no Brasil”. (MOTA, 2005, p. 205).

Percebemos que a escola concorre com a televisão, visto que nossos alunos vivem inseridos como usuários dessa tecnologia e das informações transmitidas por ela, tendo uma parcela significativa da realidade e do contexto do alunado, aí representado segundo a ideologia do mercado. Diante desses aspectos, a escola como instituição social deve implantar ações que ajudem na formação de alunos telespectadores críticos-constructivos, sendo o professor o seu agente de atuação. Assim, a TV passa a ser um dos mais importantes recursos culturais por várias razões, entre as quais a falta de acesso a outros recursos.

Nós educadores devemos analisar o seu uso visando a uma melhoria de aculturação de nossa sociedade em busca de uma democratização. É inegável que televisão e escola executam papéis semelhantes, ou seja, difundindo e favorecendo conhecimento, com uma pequena diferença, “a televisão como concorrente da escola e em condições de vantagem, pois que, aparentemente não pretendendo ensinar, ensina, enquanto a escola, aparentemente pretendendo ensinar, não ensina, ou ensina muito pouco” (PENTEADO, 2000, p. 8).

Entretanto, a televisão que se propõe a ser comprometida com a educação também passa por transformações em uma sociedade onde o desenvolvimento tecnológico cria novos espaços de produção de conhecimento e realiza ações que ajudam na formação do aluno e do professor. Assim, para o professor, o papel de agente educativo torna-se cada vez mais relevante como mediador da leitura crítica sobre o mundo e os seus instrumentos, contribuindo para “provocar outras leituras de mundo, reconhecer ações e situações, explorar contextos, estruturar sentidos, avançar a compreensão, reconhecer que a TV medeia o mundo e nós” (CARNEIRO, 2002, p.8).

Devemos considerar que nossos alunos são produtos da experiência televisiva, numa sociedade em que os meios de comunicação de massa produzem cultura, cultura esta que permeia todas as camadas sociais. A televisão, devido às suas características próprias, tem forte influência entre as nossas crianças e adolescentes e por que não adultos, pois verificamos

mudanças de hábitos, valores, comportamentos, atitudes modificando até a concepção de mundo.

Assim, a escola não pode ficar à margem das experiências cotidianas dos alunos, nas quais a TV tem papel relevante, cabendo aos profissionais da educação entender o uso integrado das linguagens de comunicação audiovisuais, integrando o seu uso ao processo de ensino e aprendizagem.

O programa TV Escola é um canal de televisão denominado TV Escola, via satélite, com exclusividade à educação, dirigido a capacitação, atualização e aperfeiçoamento dos professores da rede pública de Ensino Fundamental e Médio, para escolas públicas com mais de 100 alunos, cujas transmissões abrangem a maioria dos estados do território nacional. Representa 65% da rede pública brasileira, que recebe um televisor, um videocassete, uma antena parabólica, um receptor de satélite e um conjunto de dez fitas de vídeo VHS, para iniciar as gravações e participar do programa.

O Governo Federal, através de programas de políticas públicas do Ministério de Educação em uma de suas iniciativas implantadas pela SEED, dirigidos a capacitação, atualização e aperfeiçoamento dos professores da rede pública de Ensino Fundamental e Médio e o uso das TIC, lançou o Programa TV Escola, definindo-o pela Portaria nº 694/95-MEC. Agregado ao programa, o kit tecnológico, conforme o que estabelece o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)⁵, de 7 de agosto de 1995, para equipar todas as escolas públicas com mais de 100 alunos e com energia elétrica independente, de zona rural ou urbana

Esse programa é fruto de uma política de descentralização e autonomia elaborado conforme as características da Reforma Educacional visando capacitar professores através da EAD. Entretanto, não são ainda suficientes para propiciar aos professores, coordenadores e gestores envolvidos o engajamento efetivo no programa, fato este “atribuído à própria característica da descentralização que não foi implantada de forma gradual e nem procurou, com antecedência, preparar os atores envolvidos para participarem ativamente do programa e incorporá-lo ao cotidiano da sala de aula” (CASTRO, s/d p. 3)

⁵ Resolução/CD/FNDE nº 15, de 06 de junho de 1995 - Art. 1º Estender o arrendamento previsto no Programa de Apoio Tecnológico, as escolas públicas da rede estadual e municipal que atendam, no ensino fundamental mais de 100 (cem) alunos.

Parágrafo Único – Nos municípios de pequeno porte, onde não existir escola com mais de 100 (cem) alunos ao ensino fundamental, será atendida a escola municipal com maior número de alunos.

Sua apresentação oficial ao meio educacional ocorreu durante a realização do 1º Workshop de Educação a distância, em 1995, objetivando informar a concepção e funcionamento da política de Educação a distância naquele momento do MEC, mas somente entrou no ar em 4 de março de 1996.

A TV Escola representa um complexo de ações televisivas destinado a capacitação docente, cuja organização partiu de sinal gerado pela Fundação Roquette Pinto, com um canal exclusivo para a educação através do satélite Brasilsat -1. A transmissão ocorre em circuito próprio, captado por parabólicas com transmissão analógica de programas direcionados para as escolas públicas de todo o país, tanto de Ensino Fundamental quanto Médio, visando à formação do professor e melhor desenvolvimento na sua prática pedagógica.

Os programas são transmitidos para todo o Brasil, estão presentes em 60.955 escolas públicas com mais de 100 alunos e com energia elétrica, espalhadas em 5 mil municípios. Sua programação é captada por antena parabólica e pelos canais digitais: canal 4 (TECSAT), canal 26 (SKY) e canal 237 (DIRECTV). A transmissão acontece com 17 horas diárias de programação e com repetições, de forma a permitir às escolas diversas opções de horário para gravar os programas apresentados.

Na sua programação inclui Ensino Fundamental, Ensino Médio e Salto para o Futuro, especificamente produzido para o aperfeiçoamento de professores. Em alguns Estados e Municípios, o Salto para o Futuro é utilizado como apoio aos cursos de formação de professores. O programa utiliza material impresso, televisão, rádio, telefone, fax e momentos interativos que possibilitam aos professores, reunidos em telepostos, um contato ao vivo com especialistas sobre o tema em discussão. Atualmente existem oitocentos telepostos, distribuídos em todo o país.

Aos sábados, domingos e feriados é transmitida uma seleção especial que busca alcançar as famílias e comunidades. Em geral a apresentação é denominada Escola Aberta.

A TV Escola complementa seu serviço através de materiais impressos: revistas, cadernos, guias para orientar os usuários quanto aos programas, cartazes e grade de programação.

A programação é divulgada em grades mensais, cartazes contendo o conteúdo da edição bimestral, o guia anual de programas e uma revista da TV Escola, de periodicidade bimestral, que não está sendo publicada desde 2004, a qual contém um encarte da programação mensal distribuído pela SEED para todas as escolas que possuem o kit

tecnológico. Além desse material de divulgação conta com publicações como: Cadernos da TV Escola⁶, Cadernos de Vendo e Aprendendo⁷, Fichas de Como fazer?⁸ e livros da Série de Estudos/Educação a distância⁹. Todo esse material é disponibilizado no site da TV Escola¹⁰.

Os sistemas estaduais de ensino, representados pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), apoiado pela SEED/MEC, é o articulador do programa, envolvendo as 27 Secretarias Estaduais de Educação, que desenvolvem o projeto de implementação, acompanhamento e a avaliação da TV Escola, com base no acordo de cooperação Brasil-UNESCO.

O Programa depende da atuação das Secretarias de Educação estaduais e municipais, uma vez que cabe a elas o gerenciamento administrativo e pedagógico, fazendo a divulgação e convênios através da Coordenação da TV Escola em cada unidade federativa, para que as escolas das redes estadual e municipal se apropriem dos recursos ofertados e das informações veiculadas.

O MEC não faz distribuição dos programas transmitidos, no entanto a Coordenação da TV Escola das secretarias estaduais capta os programas da TV, gravando-as em vídeos para disponibilizar por meio de empréstimo às escolas, para que organizem sua videoteca visando ao apoio na prática pedagógica.

Cabe à escola, juntamente com o corpo docente selecionar os programas que desejam gravar, para que posteriormente sejam utilizados nas aulas, constituindo, dessa forma, um recurso para a formação continuada e para o planejamento e a prática das aulas, tornando-se evidente a autonomia apenas no que se limita à seleção dos programas para o acervo da videoteca da escola ou do docente.

Em 2004, conforme dados oficiais da SEED foram distribuídas 15.800 antenas parabólicas digitais para substituir as analógicas em escolas e núcleos de tecnologia educacional, ou seja, trinta e dois milhões de alunos com acesso a esse tipo de recurso, um milhão e trezentos mil professores beneficiados. Como constatamos, o discurso gira em torno de dados numéricos.

⁶ Fornecem informações sobre os temas abordados durante determinada série de programas destinados ao ensino fundamental.

⁷ Contém comentários dos programas e sugestões de atividades para sala de aula.

⁸ Apresenta sugestões de atividades a serem desenvolvidas com programas do ensino médio.

⁹ Complementam o material de apoio aos programas, contendo textos teóricos para o estudo do professor.

¹⁰ www.sec.gov.br/seed/tvescola/enmedio.

Entretanto, a validade do Programa não pode se restringir a essa distribuição de equipamentos mais atualizados ou os convencionais analógicos, nem ser priorizado pelo eixo quantitativo. É importante aliar quantidade, qualidade e desafios, pois percebemos a ausência das condições organizacionais adequadas para o programa TV Escola.

Por questões de segurança, em algumas escolas o kit tecnológico é instalado em locais inacessíveis ao professor. Assim sendo, verificam-se problemas que vão desde o desaparecimento da chave da sala onde se encontra o equipamento, que, às vezes, é de responsabilidade do gestor ou colega responsável (quando há, está ausente) até a não existência de funcionário na escola que leve os equipamentos para a sala, já que em algumas escolas não existe um local apropriado como um auditório, sala de vídeo ou semelhante. É preciso dispor de recursos humanos para facilitar o trabalho dos professores quanto à utilização do kit tecnológico.

Os professores defrontam-se com dificuldades de manuseio e de falta de compreensão do uso pedagógico, disponibilidade de tempo, falta de organização administrativa, já que a escola não tem funcionários disponíveis para efetivação das ações do programa, contrapondo-se dessa forma ao seu objetivo.

Também se faz necessário que os gestores e coordenadores se envolvam com o uso das TIC, especialmente com os programas da TV Escola, PROINFO, RIVED e outros, com a finalidade de analisar as potencialidades e limitações para o uso pedagógico desses recursos e programas, bem como para a incorporação na gestão escolar em suas atividades. Assim, a responsabilidade da inserção das TIC na escola não deve ficar restrita ao professor, uma vez que “A incorporação das TIC na escola vem se concretizando com maior frequência nas situações em que diretores e comunidade escolar se envolvem nas atividades como sujeitos do trabalho em realização” (ALMEIDA, 2002, p. 6), para que possam estimular os professores. Permitindo maior facilidade para manusear esses recursos e que se apropriem das TIC, com a finalidade de construir seu próprio conhecimento, para poder facilitar a sua prática ajudando aos seus alunos na construção de conhecimentos podendo dessa forma contribuir efetivamente para a mudança que almejamos, como defende Toschi (2003, p. 95):

[...] criar condições organizacionais nas escolas para que a inovação aconteça, para que as experiências pedagógicas não sejam sistematicamente destruídas com argumentos burocráticos, para que os profissionais do ensino se sintam motivados e gratificados por participarem em dinâmicas de mudança.

É necessário que o programa TV Escola faça parte concretamente da organização escolar, esteja inserido no seu planejamento pedagógico e administrativo, contando com gestão de tecnologias, das mais convencionais às TIC, uma vez que “É comum a aceitação de novos programas, mas não é comum sua incorporação à prática pedagógica” (MAGALHÃES, 2003, p. 116).

Apesar de toda boa intenção, percebemos que nesse programa, entre outros vinculados às TIC, oferecidos pela atual política educacional de formação docente, os professores se mantêm passivos, resistentes e não se apoderam dos recursos tecnológicos ofertados para o desenvolvimento de sua prática pedagógica de maneira significativa, uma vez que “deveria ter sido precedido de uma conscientização e de uma preparação dos recursos humanos para que fossem capazes de lidar com essa inovação, não apenas no ponto de vista técnico, mas do ponto de vista pedagógico, garantindo, assim, a eficiência e eficácia do Programa”. (CASTRO, s/d, p.11).

Nós questionamos se esses programas se desenvolvem “como programa capaz de treinar e apoiar o professor em sua sala de aula, [...] a melhor maneira pela qual se treina o professor e o gestor da escola é – e esse é outro problema importante –, através dos kits da TV Escola” (CARDOSO, 1998, p. 13).

Quando o autor se refere a treinar o professor em serviço, entendemos que talvez, não exista a preocupação de que o docente se apodere dessas ferramentas de maneira reflexiva, com consciência crítica e não de forma aligeirada, como se após o treinamento o professor estivesse apto para utilizar-se da TV e vídeo de maneira rápida e eficiente, sem deixar amadurecer as reflexões dos professores para adotar essas ferramentas.

Várias pesquisas na área educacional foram realizadas com a finalidade de detectar indicadores para que a TV Escola fosse efetiva para as escolas, contribuindo para traçar o perfil do programa frente às escolas. No entanto, “o programa não se materializa completamente. Sua implantação não encontrou terreno fértil nem junto às escolas e nem junto aos professores que por não possuírem cultura tecnológica rejeitam ou subutilizam o meio” (CASTRO, s/d p. 14).

Será realmente o que a autora defende, ou os professores resistem em apropriar-se porque percebem que quando “um programa não produz os resultados esperados, a tendência é investir na capacitação dos professores para uma utilização mais eficiente” (BARRETO, 2003, p.24), cabendo dessa forma a responsabilidade para o docente?

A utilização e apropriação indicam fatores fundamentais que evidenciam a validade ou não do programa, ou seja, se efetivamente as escolas utilizam o kit, conseqüentemente isso só é possível se os professores, coordenadores e gestores se apropriarem do programa para uso pedagógico e se forem observadas melhorias no ensino e na aprendizagem. O uso pedagógico não significa apenas usar o equipamento e sim incorporá-lo ao projeto pedagógico da escola, compreendendo a concepção abordada, deixando espaço para que os docentes atuem de tal forma que “quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, do estado da curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2003, p. 36).

Enquanto docente nos cursos de formação de professores, tanto na graduação quanto nas capacitações para professores da rede pública, ao trabalharmos com fitas da TV Escola que abordam o uso das TIC como ferramenta da aprendizagem, ou utilizando material audiovisual da TV Escola, escutamos alegações de que o material é muito rico e interessante, mas bem diferente da realidade deles, como os exemplos “essa fita é muito boa, mas não condiz com nossa realidade, não possui nenhum vínculo com a realidade da nossa escola” (A. B. cursista de capacitação em Informática Educativa, NTE Maceió, 2003).

É inegável, que frente às imagens, ocorrem várias leituras de seus telespectadores, mas é sempre necessário levantar o que os alunos conhecem sobre o tema, suas dúvidas, e procurar levá-los a um entendimento regado pela informação que eles têm sobre o tema explorado, considerando suas experiências e a realidade em que vivem. “O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas ‘águas’ os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’, ‘ensopados’.” (FREIRE, 2003, b, p.19)

Não vemos o uso da tecnologia como instrumento que garante a eficiência da ação docente, que produza conhecimentos, mudanças de comportamento, até porque a formação do professor não depende somente das oportunidades que surgem para o professor ser habilitado através de programas ofertados pelas políticas públicas. Onde fica o ideal do educador, seus interesses, objetivos, finalidades, “Uma vez que não tem sentido a definição da sua competência técnica em função de um conjunto de atitudes e habilidades estabelecidas a priori” (CANDAUI, 1988, p. 69)

Novamente insistimos em destacar a política que permeia o MEC com relação aos programas que chegam às escolas. Para que não sejam ofertados tantos programas parecendo “treinamento” visando aligeiramento da formação do professor, desfazendo dessa forma a

preocupação com a prática reflexiva do professor, esquecendo a subjetividade dele na sociedade, frente a esse desafio que é o uso das TIC e os cursos de EAD.

A par disso, a reflexão é geradora de sentido quando tem eixo na ação do professor, suas experiências, seus saberes, desejos, crenças, valores, acompanhados de liberdade, opção, decisão e possibilidades.

É óbvio que existe uma preocupação com o uso da TV Escola: por alguns segmentos nacionais como pudemos verificar no discurso de abertura do *Seminário Internacional 2 anos da TV Escola* “Estaremos falando também de nossas dificuldades, particularmente no que se refere à busca de ampliação e melhoria qualitativa do uso da TV Escola pelos professores da rede de ensino público” [...] que precisamos avaliar, questionar e aprimorar nosso programa (POPPOVIC, 1998, p. 19 e 20).

Analisando o impacto da TV Escola no Sistema Educacional Brasileiro, quanto à utilização do Programa por um número pouco significativo de professores, (MENEZES, 1998, p. 30) identifica como “questões da cultura escolar e videográfica. O que as pessoas não sabiam muito era usar o equipamento e isso foi um desafio para nós”. Pela necessidade de detectar essas questões, foi realizada uma pesquisa por profissionais da Unicamp, na qual 86% dos professores desejavam ser capacitados para utilizar o kit da TV Escola, uma vez que alegaram não estar aptos para usar o equipamento, ou seja, subutilizando o kit tecnológico culminando com a decisão da SEED/MEC de implantação do Curso de Extensão a Distância TV na Escola e os Desafios de Hoje.

CAPÍTULO 2 - O Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje

O Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje foi organizado para atender o maior número possível de professores, coordenadores e gestores da esfera educacional pública do país. Após o resultado da pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Unicamp, realizada em 1999, em que professores desejavam capacitar-se para melhor aproveitar o kit tecnológico e o acervo da TV Escola, formalizou-se o primeiro repasse de recursos oficiais diretos do Governo Federal para programas do consórcio Unirede. Foi então criado o Curso de Extensão a Distância TV na Escola e os Desafios de Hoje, que é resultado de uma parceria entre a Unirede, a SEED e as Secretarias Estaduais de Educação, representadas pelas Coordenações Estaduais da TV Escola.

2.1 - Descrição do curso

É um curso de extensão universitária à distância com a proposta de abranger o maior número de educadores, permitindo que se qualificassem sem necessitar ausentar-se ou deslocar-se da escola. Quase 34 mil vagas foram ofertadas na primeira edição, em que “250 mil inscrições preliminares apontavam o significado dessa decisão para o sistema educacional brasileiro” (PINTO, MEDEIROS e FIORENTINI, 2002, p. 8).

Desse modo se pretendia diminuir os fatores profissionais, econômicos e de espaço geográfico que dificultam a qualificação de um número considerável de profissionais da educação.

O curso está inserido nos propósitos da educação para formação de professores a distância, com o objetivo de capacitar profissionais de instituições públicas de Ensino Fundamental e Médio para o melhor aproveitamento das TIC na prática pedagógica. Segundo a visão de Pinto, Medeiros e Fiorentini (2002), apresenta-se com características inovadoras:

- identidade e integração de vídeos e impressos;
- desenvolvimento de competência, atitudes e valores;
- consistência de objetivos e método;
- congruência de objetivos, atividades e avaliação;
- ineditismo da experiência.

É desenvolvido por uma universidade pública em cada Estado, que juntamente com a Secretaria de Educação compõem o núcleo regional, promovendo, desta forma, a integração entre os profissionais da rede pública de Ensino Superior e os profissionais que lidam com o Ensino Fundamental e Médio. Cada núcleo possui autonomia na forma de implementação do curso dentro das particularidades regionais.

Na implantação do curso, na primeira edição, houve a criação de 18 núcleos que atuaram em parceria com uma Universidade e Secretarias Estaduais de cada Estado. Dos 18 núcleos, alguns pertenciam a doze Estados do Brasil e seis atuavam em conjunto com dois ou três Estados, cujos núcleos foram: Amazônia Leste (RO, AC, AM); Amazônia Oeste (PA, RR, AP); Central (DF, TO); Extremo Leste (PB, RN); Parnaíba (MA, PI) e São Francisco (PE, AL, SE).

Cada núcleo é coordenado pela universidade que participa do consórcio, designada para tal e com a coordenação geral da Universidade de Brasília (UnB).

A Universidade de Brasília representou a Unirede na execução financeira e na Coordenação Nacional do curso. O acompanhamento foi realizado por equipes formadas com representantes da SEED-MEC e da Unirede, compostas de: Coordenação Nacional, Coordenação Geral, Coordenação Pedagógica e a Coordenação dos Programas de Vídeo.

A SEED contribuiu com o acervo de imagens gravadas para a equipe de produção dos vídeos; veiculou os programas do curso pela TV Escola e providenciou o material impresso incluído no kit do curso, distribuído por ocasião da matrícula, além de integrar a Equipe Multidisciplinar de Especialistas, encarregada da elaboração dos materiais do curso e de cada módulo.

Na primeira edição do curso as inscrições foram centralizadas pela UnB, porém após o relatório de conclusão foram detectados diversos problemas relativos à organização. A partir da segunda edição, foram descentralizadas, ficando sob a responsabilidade das Coordenações Estaduais da TV Escola ou dos Núcleos da Unirede, de acordo com os critérios próprios do projeto que cada estado está desenvolvendo.

2.2 - Organização estrutural

O curso foi organizado em três módulos seqüenciais, com 60 horas em cada módulo, totalizando 180 horas. Na ocasião do lançamento, os módulos deveriam ser realizados em três

meses, ou seja, um mês para cada módulo. Porém, com as dificuldades apresentadas durante a primeira edição, ampliou-se a carga horária para seis meses, sendo dois meses para cada módulo.

Cada módulo conta com materiais didáticos que compreendem impressos e vídeos integrados entre si. O material impresso consta de um Guia do curso e três volumes equivalentes a cada módulo (módulo 1, módulo 2 e módulo 3).

Tanto o material impresso quanto o audiovisual foram elaborados por uma equipe de 32 docentes de Universidades consorciadas da Unirede, sob a responsabilidade da coordenação pedagógica da UnB. Os vídeos de suporte ficam sob a responsabilidade do Centro de Produção Cultural Educativa da UnB.

O material impresso traz temas que são apresentados em unidades de conteúdos, obedecendo à seguinte estrutura curricular:

a) **Módulo 1 - Tecnologias e educação: desafios e a TV Escola**, que fornece ao cursista a base que fundamentará e motivará a prática pedagógica para que utilize a Televisão e o vídeo, ao mesmo tempo em que procura responder o porquê das TIC na escola e qual a finalidade do próprio curso. São explorados os conteúdos Tecnologias no cotidiano: desafios para o educador; Linguagem da TV e do vídeo e novos modos de compreender; Formação do professor e educação a distância: do impresso às redes eletrônicas e O projeto TV Escola, sempre acompanhados de atividades avaliativas;

b) **Módulo 2 - Usos da TV e do vídeo na escola** convida o cursista a continuar refletindo e colocando em prática o que está vivenciando durante essa formação. As unidades de conteúdo são desenvolvidas através de concepções e funções de TV/Vídeo na comunidade educativa; possibilidades pedagógicas de utilização de TV/vídeo e a TV Escola (CD-ROM) (Internet), para desenvolver atividades curriculares relacionadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais nos Temas Transversais; no Ensino Médio; na Educação Especial; no Ensino da Língua Portuguesa; na Educação Matemática; no Ensino de Ciências; no Ensino de Geografia; no Ensino das Artes; no Ensino da Educação Física; na Educação Infantil; TV/vídeo na gestão e construção de parcerias com a comunidade; operacionalização de equipamentos e criação de espaços para gravar e arquivar programas.

c) **Módulo 3: Experimentação: planejando, produzindo, analisando.** Como o nome já indica, o professor deverá analisar e produzir um vídeo educativo para praticar a criação audiovisual de mensagens pedagógicas utilizando TV e Vídeo, em que são explorados Como se produz vídeo: etapas de produção; Elementos de linguagem; Planejando a utilização pedagógica de TV e vídeos, e Analisando TV e vídeos fornecendo subsídios para o cursista desenvolver o projeto integrado com o uso e ou produção de vídeo na escola.

Todos os módulos constavam de apresentação do conteúdo da referida unidade acompanhados de atividades básicas e optativas, avaliação de desempenho e orientações para elaboração de um memorial que tem a finalidade de nortear a função educativa durante o processo da aprendizagem, cuja entrega é obrigatória para conclusão de cada módulo, que deve ser entregue conforme o calendário acadêmico, designado pela tutoria.

Esse material foi distribuído durante o momento presencial ou pelos correios no início de cada módulo, juntamente com o Guia do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.

Os vídeos compreendiam doze programas, distribuídos em três fitas equivalentes a cada módulo, e como suporte, 36 vídeos do acervo da TV Escola que foram veiculados conforme grade de programação previamente divulgada através do Guia de Programas. A grade da TV Escola é ajustada ao calendário do curso, ficando disponível em períodos posteriores.

O conteúdo abordado nos vídeos foi apresentado em diversos formatos, contendo exemplos de experiências vivenciadas no cotidiano, colocações fundamentadas de especialistas e de cursistas e uma retrospectiva ao material impresso. Segundo análise de Carneiro (2003, p.2), “blocos fragmentados em seqüência com formatos híbridos [...] para despertar o gosto pelo estudo, motivar seu entendimento, facilitar sua apropriação, incentivar a experimentação, com quatro a cinco blocos/15 minutos de programa. Sempre seqüenciadamente”.

Cada cursista poderia ter acesso aos vídeos em sua casa, na escola, nos locais que possuíam antena parabólica ou similar. Aqueles que tivessem dificuldades poderiam recorrer aos gestores de sua escola para que fossem gravadas em fitas de vídeo, ou ainda às coordenações estaduais da TV Escola que possuíam cópias das fitas, disponibilizando como empréstimo com o compromisso de devolverem após a cópia.

O Guia do curso além das apresentações formais, continha lista de conteúdos que seriam explorados, a organização do curso, algumas sugestões para o cursista organizar seu

horário de estudo semanal: estudos individuais, estudos coletivos, sugestões quanto aos horários de estudos semanais que deve dispor para a realização das atividades propostas, além de orientação para a elaboração do memorial, explicações sobre a atuação do tutor, normas de avaliação da aprendizagem e certificação do curso.

A certificação do curso se deu de forma diversificada. Caso o aluno fosse aprovado, ao final dos três módulos receberia um certificado de extensão de 180 horas, podendo, no entanto, aquele aluno que não desejar completar o curso todo, receber um certificado de 60 horas correspondente ao módulo concluído. Para fins de certificação do curso completo, ou seja, certificação de 180 horas, o aluno deveria apresentar uma proposta de utilização dos audiovisuais explorados, caracterizada como um trabalho final, com o objetivo de integrar o uso e a produção de um projeto audiovisual na sua prática pedagógica.

No final de cada módulo constavam atividades que serviam de orientação para a auto-avaliação do cursista; não tinham caráter obrigatório, e eram apresentadas como comentários.

O curso estabeleceu um sistema de orientação acadêmica do tipo tutoria para dar apoio acompanhando, monitorando e avaliando o cursista durante o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Os tutores receberam um Manual de Orientação Acadêmica contendo orientações necessárias para o seu papel pedagógico e operacional no transcorrer do curso.

O sistema de orientação acadêmica (tutoria) ficou sob a responsabilidade de cada núcleo englobando a inscrição, processo seletivo e capacitação que fica a cargo da Universidade local, com a responsabilidade de formar uma equipe de atuação que desempenhe conscientemente seu papel, conforme expressa Almeida (2003, p. 3).

[...] caso esse tutor não compreenda a concepção do curso ou não tenha sido devidamente preparado para orientar o aluno, corre-se o risco de um atendimento inadequado que pode levar o aluno a abandonar a única possibilidade de interação com o tutor, passando a trabalhar sozinho sem ter com quem dialogar a respeito de suas dificuldades ou elaborações.

A distribuição dos tutores se deu por número de cursistas, com a função de supervisionar e orientar o processo de aprendizagem desde a confirmação da matrícula. Entre os cursistas e o tutor acontecem momentos presenciais com a finalidade de criar elos que permitissem a criação de um ambiente interativo entre ambos, uma vez que, no contexto de EAD, “ É ele que atua junto ao aluno com a responsabilidade de orientá-lo e acompanhá-lo no desenvolvimento dos seus estudos, auxiliando-o no sentido da aquisição de estratégias de

aprendizagem, ajudando-o a adquirir autonomia de estudo e práticas auto-avaliativas” (LIMA, 2002, p. 69)

No primeiro contato com o cursista o tutor apresentava o calendário das atividades e a grade horária de plantão, e os meios como deveria se dar a comunicação que geralmente acontecia através de encontros individuais, telefone, fax, carta ou e-mail com o objetivo de favorecer a comunicação entre ambos.

As normas de avaliação da aprendizagem eram de responsabilidade do tutor, que, após a análise, poderia solicitar ao cursista que as revisse ou as complementasse, com a finalidade de sua aprovação no curso, ou “para aprimorar os processos de ensino e aprendizagem, independente de serem ou não objeto de atribuição de nota”. (PINTO, MEDEIROS e FIORENTINI, 2002, p 11). A avaliação foi feita ao longo de cada módulo, com a execução das atividades propostas por meio de escala de conceitos e menções e encaminhadas ao tutor, com época prevista no calendário acadêmico do curso.

Nas atividades de avaliação de desempenho constavam as informações necessárias para o cursista resolver as atividades propostas no final de cada conteúdo explorado, cuja finalidade era registrar os resultados da aprendizagem adquiridos. À proporção que realizavam seus estudos e deveriam ser encaminhadas ao tutor na época prevista no calendário.

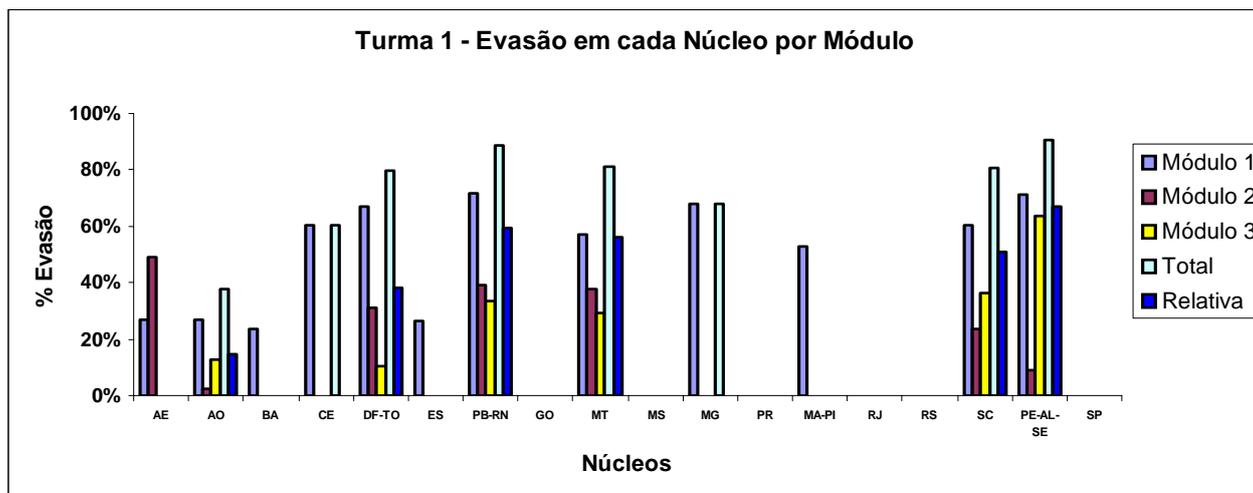
Nas atividades optativas sugeriam-se ao cursista estudos através dos recursos da Internet, para obter informações para enriquecer seu estudo com consultas a sites específicos, participação em fóruns, listas de discussão e chat.

Convém ressaltar que o referido curso promoveu formação para professores cegos. Em abril de 2003 foi lançado o material impresso em código Braille.

2.3 - Perfil das edições

Na primeira edição, vários fatores influíram para o não aproveitamento efetivo do curso, desde a gestão pedagógica à gestão de sistema pelos órgãos envolvidos, culminando com problemas que denotam o insucesso pelo menos nesse momento. Dentre eles encontram-se os índices de evasão que motivaram pesquisadores a realizar estudos na área para ajudar a compreender a evasão durante o curso, que na primeira edição apresentou um alto percentual em quase todos os estados conforme gráfico 1:

Gráfico 1 - Evasão em cada núcleo por módulo



Fonte: Faria, Quezado e Fiorentini (s/d, p. 3).

O índice de evasão foi preocupante, tanto que Faria, Quezado e Fiorentini (s/d, p. 4) afirma que “o principal fator para este índice elevado de evasão foi extrínseco ao processo de ensino e causado por problemas relativos à falta de organização da inscrição dos alunos e à informações sobre o tipo de curso”.

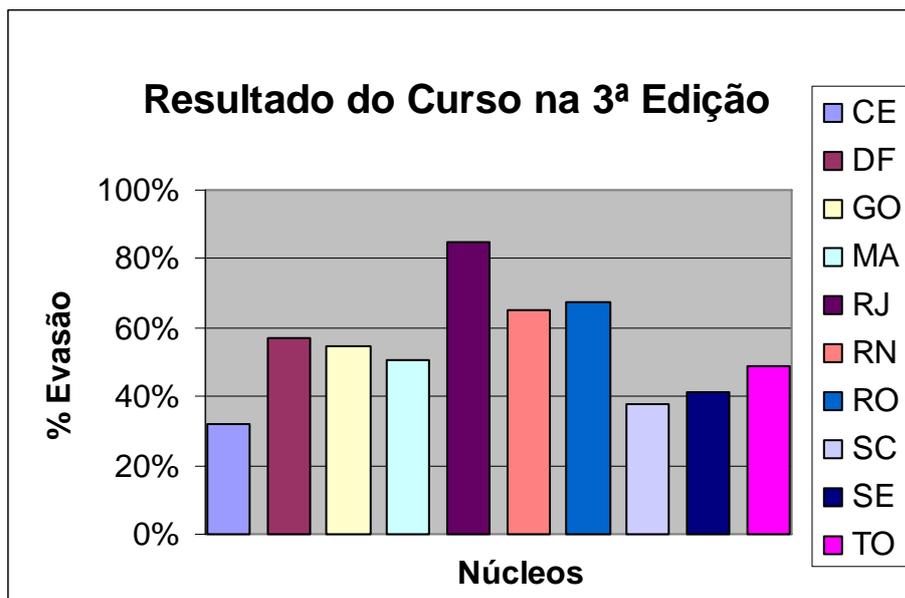
Devido às dificuldades que comprometeram o desempenho dos núcleos na realização da primeira edição do curso, os autores citados enfatizam que “ocorreu mudanças estratégicas visando sanar as dificuldades a partir da segunda edição” (FARIA, QUEZADO e FIORENTINI s/d, p. 3).

Aproximadamente 53.000 cursistas foram matriculados na segunda edição. Devido aos problemas apresentados na edição anterior, a matrícula passou a ser descentralizada, não sendo mais a Universidade de Brasília a responsável e sim as Secretarias Estaduais em seus respectivos Estados. Foram implantados núcleos, perfazendo um total de 24 núcleos, em quase todos os Estados. Houve a criação da coordenação administrativo-acadêmico nos núcleos, gerida por técnicos da Secretaria Estadual de Educação de cada Estado, como também a reformulação de todo material, tanto o impresso quanto o audiovisual.

Na terceira edição não houve reformulação dos materiais nem na organização do curso, aconteceu desmembramento e criação de novos núcleos, contando com um total de 27 núcleos, ou seja, em todos os estados brasileiros.

Ainda se percebe evasão em vários estados, conforme o resultado da terceira edição registrado nos relatórios finais do curso, como nos mostra o gráfico 2:

Gráfico 2 - Resultado da 3ª edição em alguns estados brasileiros



Embora Faria, Quezado e Fiorentini (s/d, p. 5) defendam que houve “uma queda considerável no índice de evasão ao longo das três edições”

Atualmente, o curso está sendo ofertado em sua 5ª edição, porém apenas em alguns Núcleos Regionais, incluindo-se o Núcleo de Alagoas, no âmbito do Programa de Extensão Alfabetização digital para uso das TIC pelos professores da rede pública.

É notório que se vem tentando aperfeiçoar e evoluir para a descoberta de padrões mais adequados quanto aos problemas institucionais, técnicos, materiais e de acompanhamento acadêmico (tutoria) pelos núcleos regionais e coordenações estaduais com o objetivo de melhorar qualitativamente o Programa. Justamente por isso, o desenvolvimento de pesquisa que revelem as causas concretas da evasão a partir da “voz” dos professores/alunos pode trazer contribuições efetivas ao aprimoramento do curso.

É um momento de aprendizado para os Núcleos, por ser uma construção coletiva entre os órgãos envolvidos, da implantação do curso ao seu desenvolvimento, e acreditando em Freire, (2003, p. 30). “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”, e com o intuito de entender, descrevo a seguir a situação específica do curso TV na Escola os Desafios de Hoje em Alagoas.

CAPÍTULO 3 – EVASÃO NA EAD: O CASO DO CURSO EM ALAGOAS

A implantação do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje em Alagoas teve início em junho de 2000, após a divulgação pela coordenação da TV Escola na Secretaria Estadual de Educação, com as inscrições centralizadas na UnB.

Na primeira edição do curso, realizada sob a coordenação do Núcleo São Francisco sob responsabilidade da Universidade Federal de Pernambuco, foram matriculados 617 profissionais da educação, distribuídos em 100 escolas da capital e 28 escolas de municípios alagoanos.

Essa edição foi realizada de forma tumultuada desde a questão pedagógica até a gerencial. Durante a execução do 1º módulo houve vários empecilhos que dificultaram o desempenho do curso, como a matrícula centralizada na UnB. Além disso houve ainda: distribuição do material, que se deu com atraso; as escolas não estavam com os equipamentos funcionando a contento; houve naquele momento aumento de carga horária de trabalho docente de 20 horas para 30 horas de sala de aula para os professores com 40 horas; ausência de momentos presenciais; dificuldades de os cursistas assistirem aos vídeos, como também a dificuldade de leitura e compreensão do material por alguns professores. “Faltava-lhes construir competências e habilidades para continuarem. Portanto, muitos trabalhos eram devolvidos para que fossem refeitos e, daí, vinha a desistência” (MERCADO, 2004, p. 125), culminando com tão alto número de evadidos, ou seja, o índice de evasão foi superior a 60 %, conforme tabela abaixo.

Tabela 1 — Concluintes e Evadidos da 1ª edição – Alagoas

INSCRITOS (617)	CONCLUINTES	EVADIDOS
1º MÓDULO	205	412
2º MÓDULO	147	58
3º MÓDULO	87	60

O núcleo São Francisco, apresentou um alto índice de evasão, na primeira edição. Conforme Faria, Quezado e Fiorentini (s/d, p. 5) “teve uma perda de 64 % dos alunos matriculados no módulo 3”, e como fruto de novas estratégias de organização do curso, foi desmembrado, com a criação de 2 novos núcleos: Alagoas e Sergipe. Assim passamos a ter um núcleo próprio, coordenado pela Universidade Federal de Alagoas em parceria com a Secretaria Estadual de Educação.

Após a realização da primeira edição do curso, conforme relatório final, foi detectada uma série de fatores que contribuíram para este fato, tendo o Núcleo adotado medidas visando minimizar a situação da 1ª edição.

Contando com seu núcleo e com autonomia na forma de implementação do curso, Alagoas desenvolveu suas atribuições em parceria com a SEE conforme nos mostra o quadro 2:

Quadro 2- Atribuições do Núcleo e da Coordenação da SEE

DIRETRIZES DA GESTÃO	COMPETÊNCIAS RESPONSABILIDADES DO NÚCLEO	COMPETÊNCIAS RESPONSABILIDADES DA SEE
ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	Coordena a equipe de execução local. Coordena a prestação de contas do Núcleo. Elabora os relatórios parciais e final de prestações de contas do projeto.	Apóia na execução do projeto.
TÉCNICO-PEDAGÓGICO	Auxilia no processo de seleção e matrícula dos cursistas. Coordena a gestão e avaliação do curso. Coordena a administração acadêmica do curso. Define as normas para a certificação.	Coordena o processo de seleção e matrícula dos cursistas. Coordena a distribuição de materiais impressos e vídeos. Participa da avaliação do curso nos aspectos operacionais. Diagnostica os NTE e TV Escola.
PESQUISA E AVALIAÇÃO	Executa o projeto de pesquisa e avaliação acadêmica do curso.	Auxilia nos aspectos operacionais e avaliação.
DOCÊNCIA E TUTORIA	Infra-estrutura física de funcionamento da tutoria.	Infra-estrutura física de funcionamento da tutoria.

Fonte: Mercado (2004, p. 123).

Para dar início à 2ª edição, em 2001, após a divulgação do curso com uma demanda de aproximadamente 4 mil inscrições, o Núcleo Alagoas adotou ações estratégicas quanto a distribuição de vagas, que ficaram sob a responsabilidade das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE). Foram selecionados mil cursistas, distribuídos em 373 escolas da capital e 76 escolas abrangendo dez municípios alagoanos¹¹ atendidos por dez tutores, perfazendo um

¹¹ Arapiraca, Delmiro Gouveia, Palmeira dos Índios, Penedo, Porto Calvo, Rio Largo, Santana do Ipanema, São Miguel dos Campos, União dos Palmares e Viçosa.

total de um tutor para cem cursistas, com escalas de plantões diários conforme a disponibilidade de cada um, visando atender melhor aos cursistas.

Essa edição, por ser a implantação do curso no referido Núcleo, após a análise dos resultados

[...] apresentou muitos desafios, tanto do ponto de vista pedagógico quanto gerencial, sendo muitas dificuldades enfrentadas para a adoção de uma proposta pedagógica inovadora e de um modelo de gestão baseado na integração e construção de parcerias entre a SEED/MEC, UNIREDE e Coordenações Estaduais das Secretarias de Educação. (MERCADO, 2004, p. 125).

A partir dessa edição, visando reverter tanto o quadro quantitativo quanto o qualitativo, houve um trabalho de recuperação e reintegração dos cursistas, elaboração de cronogramas diferenciados para entrega das atividades pelos retardatários, melhoria no papel da tutoria; “alguns tutores tiveram posturas frente ao processo que precisam ser revistas e analisadas, como insegurança nas orientações a serem dadas, falta de compromisso com o horário de tutoria, modo de analisar as atividades propostas” (MERCADO, 2004, p. 126), visto que a postura adotada pelo tutor é fundamental para que seja adquirido um resultado satisfatório no desenvolvimento e crescimento do cursista.

Para operacionalizar o sistema de tutoria, houve seleção para profissionais interessados, envolvendo análise de currículo e entrevista, em que deveriam apresentar os seguintes requisitos: comprovação de experiência em docência, experiência em EAD, disponibilidade de tempo, interesse pela temática e disponibilidade para viagens.

Foi implantada a capacitação para tutores, realizada por professores da UFAL, constituída de uma formação inicial e uma formação continuada, sendo esta última realizada durante o curso, com encontros semanais de estudos entre tutores e coordenadores com especialistas convidados, elaboração de memoriais, realização das atividades dos módulos no sentido de melhorar o sistema de tutoria de cursos a distância.

Essa formação, com carga horária de 80 horas, sendo 50 horas presenciais e 30 horas a distância, acompanhada no final pela entrega de um memorial individual e um relatório de tutoria, foi válida porque, à proporção que experienciavam o curso, também aprendiam.

A formação inicial teve como objetivo orientar, estimular e facilitar o desempenho de cada profissional, como também elaborar cronogramas para atendimento aos cursistas estratégias para a avaliação das atividades, com definição de conceitos para serem aplicados ao final de cada módulo.

Durante o desenvolvimento do curso foi definido um encontro semanal de todos os tutores, objetivando tomada de decisões e encaminhamentos necessários quanto à gestão pedagógica.

Ampliaram-se para seis encontros, os momentos presenciais que aconteciam no início de cada módulo entre os cursistas e os tutores no período de cinco dias, sendo três em Maceió e três nos municípios pólos, realizados no início do primeiro módulo. Esses momentos eram de aproximadamente 4 horas em cada expediente (manhã e tarde). Durante esses encontros aconteciam discussões para esclarecimento de dúvidas por parte dos cursistas, entrega de material impresso, orientações quanto à avaliação das atividades, exibição dos vídeos do primeiro módulo “que serviram de orientações preliminares como embasamento para as atividades propostas nos módulos” (MERCADO, 2004, p. 131), orientação quanto à disponibilidade da gravação/reprodução das fitas e calendário para entrega das atividades e conclusão do primeiro módulo, com o objetivo de sanar dificuldades quanto à assistência aos cursistas.

As informações quanto ao plantão dos tutores e encaminhamentos das atividades foram realizadas por meio dos correios, telefone e e-mails.

Para diminuir a evasão no primeiro módulo, foi implantada uma metodologia de trabalho na qual todos os tutores atuaram em momentos presenciais, formando grupos de estudo em Maceió, Arapiraca e Jaramataia, com a intenção de estimular os cursistas, em que houve discussão entre os grupos, culminando com socialização e reflexão do tema em estudo.

Na terceira edição foram realizadas 2000 inscrições para preencher 700 vagas, sob a responsabilidade das Secretarias Estaduais e Municipais. Houve uma parceria com o Projeto Integrar quando foram matriculados mais 80 cursistas, distribuídos entre 209 escolas de Maceió e Arapiraca, totalizando 780 vagas.

Alguns critérios foram adotados para a seleção dos profissionais interessados na inscrição do curso, como a disponibilidade de tempo, ser professor de escolas com kit tecnológico em funcionamento, serem professores com formação mínima em ensino médio, serem professores não vinculados a outros projetos ou cursos, acompanhados de justificativa quanto à escolha do curso.

Foram disponibilizadas dez vagas para cada escola, e enviada correspondência com carta-convite aos desistentes da edição anterior, no sentido de retornarem para concluírem o curso.

Durante essa edição várias ações foram desenvolvidas para recuperar os cursistas evadidos, desde a criação de turmas especiais, que estabelecia um paralelo entre o curso regular a distância e o semi-presencial, onde foi notada maior integração entre os cursistas, como comprova Mercado (2004, p. 142)

[...] é importante sublinhar também que os cursistas que estiveram nos momentos presenciais tiveram mais facilidades para responder as atividades, conseqüentemente, aqueles que não puderam assistir o momento presencial tiveram mais dificuldades ao responder as questões.

Na quarta edição, em parceria com a UFAL, houve 2000 inscrições para uma oferta de 1000 vagas, nas quais foram matriculados 1202 cursistas, porque a UFAL, com recursos próprios, matriculou 209 alunos que cursavam o curso de pedagogia a distância, cuja turma foi denominada de Projeto Xingó.

Para dar maior apoio e aumentar a interação entre os cursistas e o tutor, houve descentralização nos plantões de atendimento de tutoria, ampliando-se os pontos da Secretaria Executiva de Educação para UFAL, Coordenadorias Regionais de Educação, Agências Formadoras do Proformação, Secretarias Municipais e algumas escolas Estaduais.

Enquanto durou a quarta edição aconteceram vários encontros presenciais, visando atender um número maior de cursistas. Estabeleceram-se plantões pedagógicos nas cidades de Arapiraca, São Miguel dos Campos, Palmeira dos Índios, União dos Palmares e Santana do Ipanema.

Na tentativa de evitar a evasão algumas estratégias foram implantadas como o resgate de cursistas desistentes das edições anteriores, com a possibilidade de eles concluírem dois módulos juntos, como também ampliação do prazo de entrega das atividades.

Quanto à seleção de tutores, segundo Mercado (2004, p. 142), “pelo excelente desempenho dos tutores na 3ª edição do curso, mantivemos os mesmos tutores, incorporamos mais dois, completando um grupo de 9 tutores”. Não houve capacitação porque foi mantida a mesma equipe de tutores da turma anterior, bem como as reuniões periódicas, a fim de que o grupo trocasse experiências, para desenvolver melhor suas atividades.

Dessa maneira, percebemos avanços e soluções no sentido de reverter o índice de evasão nas edições realizadas em Alagoas, que em cada edição teve mecanismos diferenciados, por se tratar de experimentos em que se tentou aprimorar as falhas, visando assegurar a operacionalização do curso.

Atualmente acontece a quinta edição do curso, com total responsabilidade da UFAL, não tendo nenhum vínculo com a SEE, por fazer parte de um projeto de extensão da SESu/MEC, sob responsabilidade do Coordenador do Programa.

Este curso se realiza com mudanças nos momentos presenciais e a utilização do ambiente virtual Teleduc (Fig 1), que complementa o curso, visando maior interação entre o cursista e o tutor, dentro da proposta pedagógica adotada. Está sendo realizado com cursistas da capital e de municípios alagoanos e, para dar suporte ao núcleo, foram estruturados 2 pólos: 1 no Município de São José da Lage e o outro em Maceió.

Figura 1 - Ambiente virtual do Teleduc



Essa edição acontece com duas turmas: uma com alunos de Pedagogia a Distância da UFAL do Pólo de São José da Lage, com 227 cursistas dos municípios de São José da Laje, Ibateguara, Santana do Mundaú, União dos Palmares, Flexeiras, Messias, Joaquim Gomes e Rio Largo e outra sob responsabilidade do Pólo Maceió atendendo a 212 cursistas, cuja clientela engloba professores de escolas públicas estaduais e municipais, alunos de licenciatura, alunos de pós-graduação e professores da rede privada.

Nessa edição houve estratégias diversificadas: três plantões de tutorias semanais com duas horas de atendimento, disponibilidade de um ambiente virtual com a plataforma do Teleduc, e nos momentos presenciais foram adotadas metodologias de trabalho que facilitam

uma maior interação entre os cursistas, com reflexões após as sessões de vídeo e como culminância o I Seminário: A TIC na EAD desafios e perspectivas com o objetivo de divulgar os projetos finais, visando integrar a comunidade universitária e valorizar o trabalho realizado pelos cursistas.

3.1 - Evasão no curso

A evasão é um problema resultante de um conjunto de vários fatores que influenciam na decisão de alguém quanto à permanência ou não em algo dentro de contextos sociais e educacionais.

Segundo Fernandes et al (1991, p. 112) “evasão é uma fuga, saída, ato de evadir-se; evadir por sua vez é evitar, desviar, escapar”. Logicamente, quando fugimos de algo ou desviamos de alguma coisa é porque encontramos um obstáculo para não continuar no caminho escolhido, ou seja, não prosseguimos num intento.

A evasão no contexto educacional representa um problema, porque coloca as instituições envolvidas como responsáveis pela ineficiência do curso ou do programa, o qual, na maioria das vezes, aponta insatisfação do cursista impedidos de alcançar seus objetivos como um indicador que pode comprometer o seu desempenho, uma vez que indica uma possível frustração de expectativas quanto à estrutura do curso, ao enfoque pedagógico, à gestão, ao suporte tecnológico, além de falta de apoio técnico, entre outros fatores.

Conforme os estudos atuais, é um fator habitual no processo educativo da educação a distância, pontuado pelas situações de adaptação e peculiaridades nessa modalidade de ensino.

Conforme Maia, Meirelles e Pela (2004, p.8) “os maiores índices de evasão são nos cursos de extensão e de graduação”. O curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, caracterizado como um curso de extensão a distância, apresentou nas primeiras edições considerável índice de evasão em quase todos os estados brasileiros e não somente em Alagoas.

Deve-se reconhecer, no entanto, que a dimensão e as características do fenômeno em EAD, apesar de vários estudos focalizarem a questão, ainda são pouco exploradas e conhecidas, não havendo referencial teórico definido.

Na pesquisa consideramos evadidos todos os cursistas que se matricularam no curso, desistindo em qualquer um dos módulos, independentemente de ter iniciado ou não.

De posse dos endereços e quantidade de cursistas que não concluíram, elaboramos um questionário e aplicamos para os alunos evadidos nas três edições em qualquer um dos módulos. Por não encontrarmos no banco de dados os endereços dos alunos evadidos na 1ª edição, determinamos como sujeitos de pesquisa os cursistas evadidos nas três seguintes edições do curso em Alagoas.

Para proceder ao trabalho analisamos os relatórios finais do Núcleo de Alagoas de cada edição realizada, observamos materiais do curso, tanto material impresso quanto material audiovisual dos três módulos, realizamos entrevistas pessoalmente com tutores, coordenadores do Programa e do Núcleo Regional, dos quais se obtiveram significantes informações que serviram para nortear o nosso estudo.

Com a intenção de comparar a situação de evasão em Alagoas, e verificando que, de maneira geral, existiu evasão no curso em todos os Estados, mesmo com a demanda superior à oferta de vagas em todo o Brasil, recorreu-se a dados de outros estados, por meio de questionários enviados pelo correio e por e-mail para 27 coordenadores estaduais dos núcleos do Curso. Para surpresa nossa, apenas um estado brasileiro nos respondeu, mesmo assim com respostas incompletas e insignificantes para nosso objetivo.

Durante a pesquisa também tivemos dificuldades com a organização dos dados numéricos, chegando a nos questionar se essa falta de organização no número de matriculados e concluintes era estratégia para não aparecer o número real de evadidos, ou se era devido à metodologia adotada durante o curso, na qual a coordenação tentava resgatar cursistas evadidos entre um módulo e outro.

Foram aplicados questionários para um certo número de cursistas, nos quais comprovamos falhas no banco de dados pesquisado, uma vez que dos questionários enviados e os que retornaram 28 % haviam concluído o curso, conforme podemos verificar na tabela 2

Tabela 2 — Questionários retornados

Questionários retornados	Número	%
Não concluíram o curso	44	72
Concluíram o curso	17	28
TOTAL	61	100

A mudança de endereço também contribuiu para o não retorno de um número significativo de questionários, uma vez que enviamos 600 questionários e só retornaram 61.

O retorno dos questionários não foi rápido como prevíamos; apesar de enviarmos com porte pago para respostas, esperamos aproximadamente quatro meses e decidimos por uma amostra de 44 evadidos.

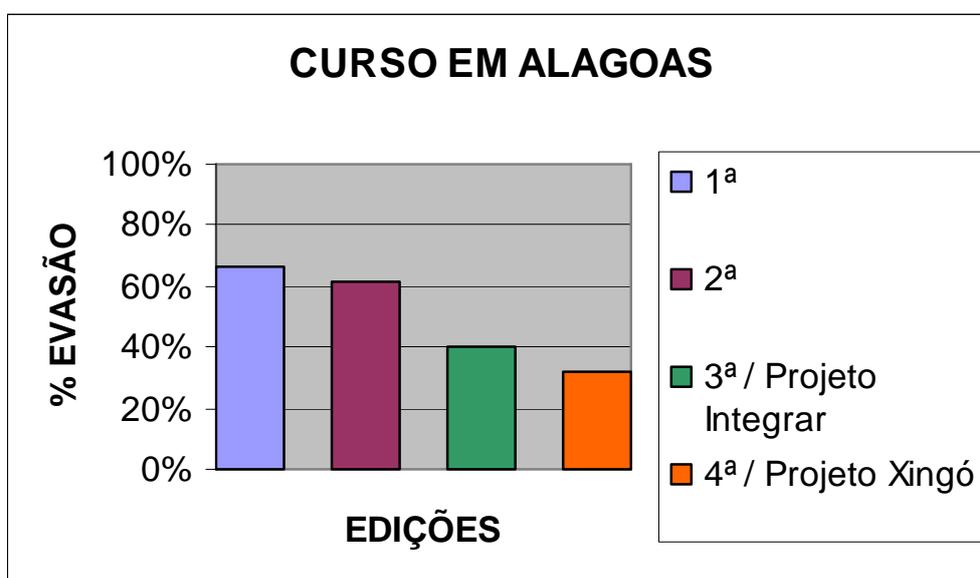
Os dados foram tabulados, organizados em categorias e, após a classificação, foram apresentados sob forma descritiva com gráficos e tabelas.

Para analisar os resultados realizamos descrição dos dados coletados quantitativamente e qualitativamente, seguidos de relatórios descritivos da leitura realizada, na tentativa de identificar o significado da evasão, segundo afirmações e contraposições da literatura da área.

Segundo levantamentos realizados na pesquisa, o índice de evasão foi alto nas duas primeiras edições, porém constata-se uma diminuição ao longo das edições realizadas em Alagoas.

Embora venha gradativamente diminuindo, ainda existe a evasão, cujo índice de desistentes está representado no gráfico 3:

Gráfico 3 - Evasão em Alagoas



Para subsidiar nossa pesquisa, e entendendo não ser suficiente somente saber quantos se evadem, quais as causas e quais os aspectos que determinam ou contribuem para esse resultado, mas o porquê da decisão, entendemos como necessário conhecer a escolha dos participantes pelo curso, a formação acadêmica, local de trabalho e o nível de atuação, como

também a infra-estrutura das escolas com relação à existência dos equipamentos básicos (kit tecnológico) e o estado de conservação, para melhor entender o fenômeno.

3.2 – Perfil dos participantes

De acordo com o resultado da amostra, a clientela era formada por professores da rede pública distribuídos entre a rede estadual, municipal e professores que pertencem às duas redes de ensino. Na sua maioria, atuam no ensino fundamental de 1º a 4º série e pertencem à rede municipal, conforme mostram os gráficos 4 e 5.

Gráfico 4 - Local de trabalho dos cursistas

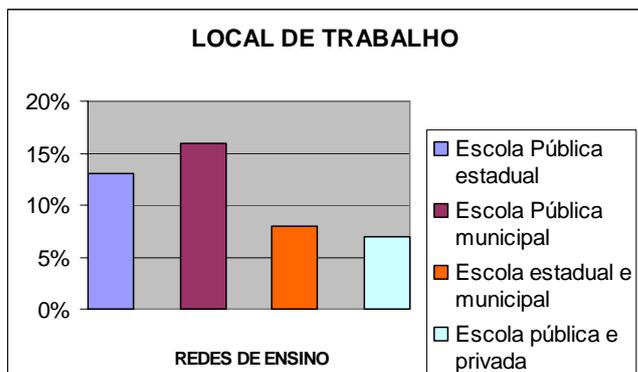
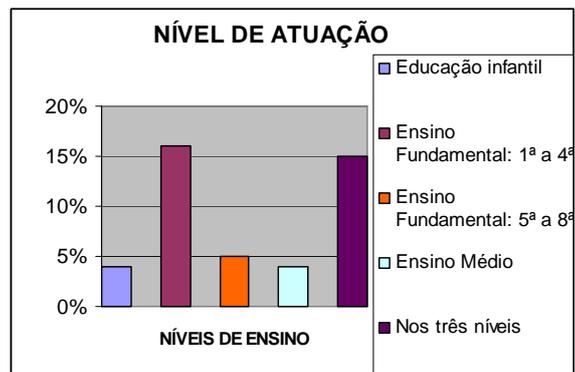


Gráfico 5 - Nível de atuação



Na pesquisa podemos constatar o perfil acadêmico dos cursistas evadidos, como também sua participação em cursos de atualização ou aperfeiçoamento durante os últimos cinco anos, indicando que são interessados em aperfeiçoar sua prática e não precisavam de certificação, conforme mostra a tabela 3.

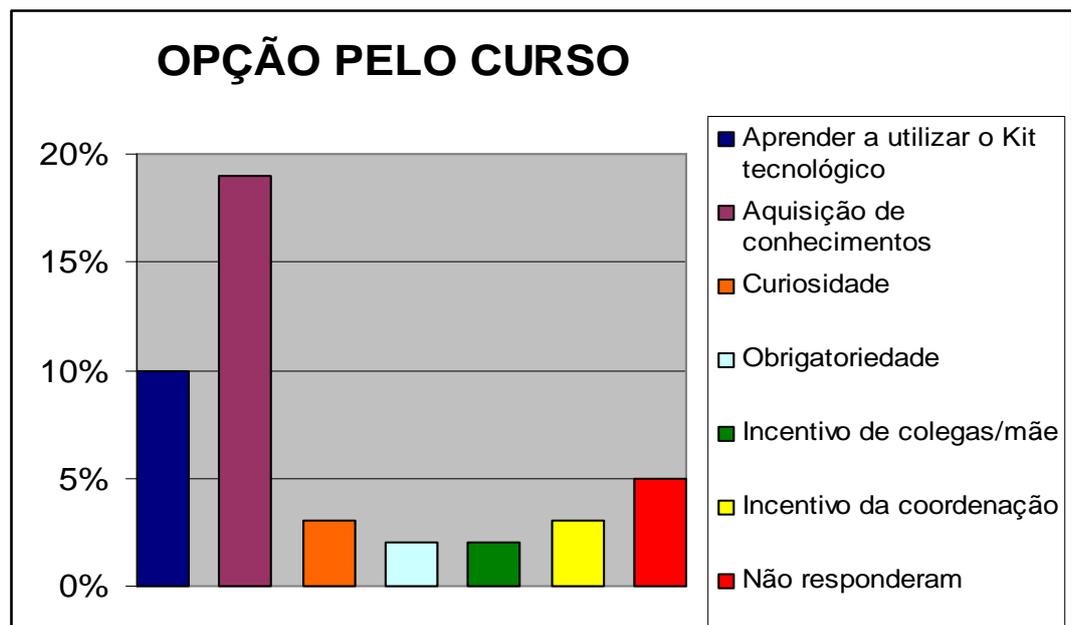
Tabela 3 – Participação e formação acadêmica dos evadidos

CURSO	%	CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO E ATUALIZAÇÃO	%	PARTICIPAÇÃO EM CURSOS A DISTÂNCIA	%
Ensino Médio completo e Magistério	2				
Ensino Médio completo sem Magistério	5	Participaram	93	Participaram	30
Ensino Superior incompleto	36	Não participaram	7	Não participaram	70
Ensino Superior completo	25				
Pós-graduação	32				
TOTAL	100		100		100

Outro ponto considerável é quanto ao perfil acadêmico dos desistentes contrapondo-se a afirmação de que é “aceitável o número de evadidos para esse tipo de curso que envolve alunado com pouca qualificação”, (FARIA, QUEZADO E FIORENTINI s/d, p. 8), pois os dados confirmam que 32% dos evadidos possuem pós-graduação, 25% já são graduados e 36% estão cursando a graduação e ainda, durante os últimos cinco anos, participaram de aperfeiçoamento buscando melhoria na sua qualificação profissional, conforme reflete a tabela 3.

Ao analisar as causas da evasão é importante verificar porquê da escolha pelo curso. De acordo com o levantamento das expectativas dos cursistas mostrado no gráfico 6, um número significativo fez a opção com o intuito de adquirir conhecimentos, seguidos pela necessidade de aprender a utilizar o kit tecnológico, confirmando a proposta de implantação do curso.

Gráfico 6 - Opção pelo curso



Como se pode constatar quando indagados sobre a escolha do curso, percebemos conforme suas respostas que não falta vontade de aprender entre os professores, e como coloca (Faria, Quezado e Fiorentini s/d, p. 10), “A existência de um desejo inicial de aprender melhora as possibilidades de êxito no processo formativo”. Esta constatação, a princípio,

poderia garantir a permanência do cursista, entretanto os dados de evasão comprovam o contrário.

“O desejo de ampliar meus conhecimentos a fim de melhorar a minha atuação”.

“Participar de um curso com novas tecnologias e saber como introduzi-las em sala de aula e melhorar minha prática pedagógica”.

“Para me aperfeiçoar e melhor desenvolver meu trabalho”.

“Vontade de aprender mais e de me aperfeiçoar com outros assuntos”.

“Para aperfeiçoar meu trabalho como educadora”.

Registramos que apenas uma minoria disse ter recebido incentivo da gestão ou coordenação da escola, em contraste com um mesmo percentual de cursista que alegou ter se inscrito no curso por pressão, quando se expressaram da seguinte forma:

“Não escolhi, o curso foi oferecido a minha pessoa, pois me incumbiram da disciplina Tecnologia em educação!”.

“Não fui motivado, Estado ofereceu o curso e a diretora disse que eu devia fazer”.

“Sobrou para você! Disse a direção, mandando que me inscrevesse”.

Encontramos ainda posturas incoerentes de gestores. Uns, no intuito de não perder o programa ou atender as prévias orientações do sistema, transferem a responsabilidade para o corpo docente, propondo adaptações. Todavia, “a educação deve estimular a opção e afirmar o homem como homem. Adaptar é acomodar, não transformar” (FREIRE, 2003 p. 32). Outros, autoritários, caracterizando-se como “escola que se organiza, em geral, com relações autoritárias e cumpridoras de normas superiores do sistema” (TOSCHI, 2001, p. 95), não pensam em construir coletivamente, promovendo em sua escola o desenvolvimento de projetos que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem numa perspectiva progressista, em que a gestão não fuja à responsabilidade que lhe é peculiar.

3.3- Causas da evasão

Ao analisar as causas da evasão, considerando o número de variáveis, conforme defendem Collins e Ferreira (2004): são constatados vários fatores que indicam esse fenômeno, cujo resultado agrupamos conforme as principais dificuldades citadas, como podemos observar na tabela 4:

Tabela 4 — Causas da evasão no curso

FATORES	%
PROBLEMAS PESSOAIS	61
PROBLEMAS DE INFRA-ESTRUTURA	23
PROBLEMAS COM SUPORTE PEDAGÓGICO	9
NÃO RESPONDERAM	7
TOTAL	100

Diante dos dados analisados, fica constatado que o principal fator da evasão no curso foi motivado por problemas de natureza pessoal do participante, seguidos de problemas relacionados com a infra-estrutura do curso. O de menor representatividade é o de suporte pedagógico referente à congruência de objetivos e métodos, ressaltados por Pinto, Medeiros e Fiorentini como caracteres inovadores do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje. Esse fator merece atenção por ser determinante da evasão.

3.3.1 - Problemas pessoais

Fica claramente evidenciado que é este o fator que mais interfere na evasão. Ele é constituído de diversas dificuldades, retratadas na tabela abaixo:

Tabela 5 – Problemas pessoais

PROBLEMAS	%
Falta de tempo/excesso de atividades	59
Desmotivação/Ausência de companheiros	19
Saúde/família	15
Outros	7

A partir das razões apontadas pelos evadidos, fica evidenciado o que Almeida (2003, p.5) define com relação aos cursos de EAD

É uma modalidade educacional cujo desenvolvimento relaciona-se com a administração do tempo pelo aluno, o desenvolvimento da autonomia para realizar as atividades indicadas no momento em que considerem adequadas, desde que respeitadas as limitações de tempo impostas pelo andamento das atividades do curso, o diálogo com os pares para a troca de informações e o desenvolvimento de produções em colaboração.

a) Falta de tempo/excesso de atividades

Dentre os problemas pessoais apontados para a evasão, aparece como fator preponderante a falta de tempo, acompanhada de excesso de atividades ocasionado pela situação da classe docente, conforme se reflete nas respostas dos evadidos:

“Falta de tempo, pois trabalho em três horários em sala de aula e naquele momento estava fazendo um curso de pós-graduação”.

“Cansaço, volume de trabalho, falta de tempo”.

“Faltou tempo para responder, trabalho nos três horários”.

“Superatarefada. Além dos compromissos em sala de aula, na época 7ª, 8ª e 1º, 2º e 3º Português e Literatura, outros trabalhos paralelos: projetos outros. Não dava mesmo”.

“Atropelamento de trabalho, pois estava atarefada com a faculdade e o trabalho”.

“Muita correria no dia-a-dia, pois trabalho os três turnos e faltou tempo para prosseguir”.

“Falta de tempo por trabalhar em duas escolas não cumpro o prazo da entrega”.

“Infelizmente por falta de tempo, talvez falta de organização do meu tempo”.

“Por trabalhar no horário da manhã em Maceió e no horário da tarde em Barra de São Miguel, e estudar à noite e o sábado inteiro em Marechal Deodoro”.

Este fato não havíamos citado como hipótese, pois achávamos que o cursista, ao se matricular, o fazia de acordo com suas necessidades e capacidades de interação e trabalho, uma vez que o curso oferece horários flexíveis.

Como podemos observar, o comprometimento do professor com excesso de atividades é notável. Apesar de administração do tempo ser um requisito em cursos desse tipo, não podemos deixar de reconhecer que, diante do exposto, não é fácil levar o curso adiante, devido ao acúmulo de atividades desenvolvidas na luta para garantir a sobrevivência.

Dessa forma, é inegável que os professores precisam ser mais bem remunerados, para que não seja necessário ter jornadas de trabalho excessivas a ponto de abrir mão de um curso que foi precedido de um desejo inicial de aprender, para melhorar as possibilidades de sua

prática pedagógica e que Faria, Quezado e Fiorentini (s/d) explicam, ao analisar os resultados do curso.

b) Desmotivação/Ausência de companheiros

Em seguida à falta de tempo por excesso de atividades, o que se percebe é que vários estudos indicam uma mesma variável que influencia a evasão nos cursos a distância com relação à sensação de isolamento. Esse sentimento é caracterizado pela ausência da interação física aluno-aluno, aluno-professor, passando o cursista a não contar com ninguém para dialogar a respeito de suas dificuldades, como defende Almeida (2003) confirmado pelas respostas:

“Estava fazendo outros cursos e também a pessoa que faria comigo os trabalhos em dupla desistiu, o que me desestimulou”.

“Senti dificuldade para responder os questionários sozinha, sem discutir com outra pessoa. Não queria ter desistido, mas me atrapalhava com as atividades”.

“Desmotivação da dupla, faltou interesse da minha dupla, desencontro da dupla”.

“O grupo do qual fazia parte, desintegrou-se e sem o incentivo dos colegas me desinteressei totalmente”.

“Estudar com um maior grupo de pessoas anima mais, por isso deixei”.

A desmotivação pela ausência de companheiros que confirmada como uma das causas da evasão nos cursos a distância, pode “gerar nos alunos sentimento de isolamento em relação ao grupo e desestimulando os alunos a continuarem no curso [...] os alunos em encontros presenciais sentem-se parte de um grupo e assim motivados a cursá-lo” (MAIA, MEIRELLES e PELA, 2004, p. 8).

Apesar da possibilidade da individualização do processo do aprendizado, desenvolvimento de auto-disciplina nos cursos de EAD, conclui-se que as relações interpessoais são necessárias ao processo de aprendizagem quer em curso presencial ou a distância.

c) Saúde/família

Cabe destacar que muitas vezes a causa da evasão é inerente à própria decisão do cursista quando se refere a família e saúde, como podemos observar nos depoimentos:

“Não foi uma desistência planejada. Parei por causa da minha saúde. Não deu”.

“Desisti por problemas familiares”.

“Meu pai adoeceu de CA. Isso me levou à desistência”.

“Tive alguns problemas relacionados com a saúde, o que me levou a não concluir”.

Isso confirma o que Maia, Meirelles (2005, p. 9) ressalta, que “se deve considerar aspectos particulares de cada aluno que também podem influenciar na taxa de evasão”, e que no ato da escolha pelo curso não estava previsto.

3.3.2 - Problemas de infra-estrutura

Outro fator que favorece a evasão são problemas ligados à infra-estrutura do curso, como atraso do material impresso e ausência do kit nas escolas, conforme indica a tabela 6:

Tabela 6 – Problemas de infra-estrutura

PROBLEMAS	%
Atraso do material impresso/audiovisual	60
Ausência/deficiência de equipamentos básicos	40

Conforme Neves (2002, a), “os programas desenvolvidos oferecem as escolas infra-estrutura, diretrizes e produtos”. Entretanto, verifica-se que nem todos os cursistas dispõem do kit tecnológico nas escolas onde atuam; quando possuem, ele não se encontra em boa condição de uso, fator indispensável, uma vez que desejam capacitar-se para melhor aproveitar o kit tecnológico e o acervo da TV Escola, além de que o curso tem como proposta fornecer o embasamento necessário à prática pedagógica com a utilização da televisão e do vídeo.

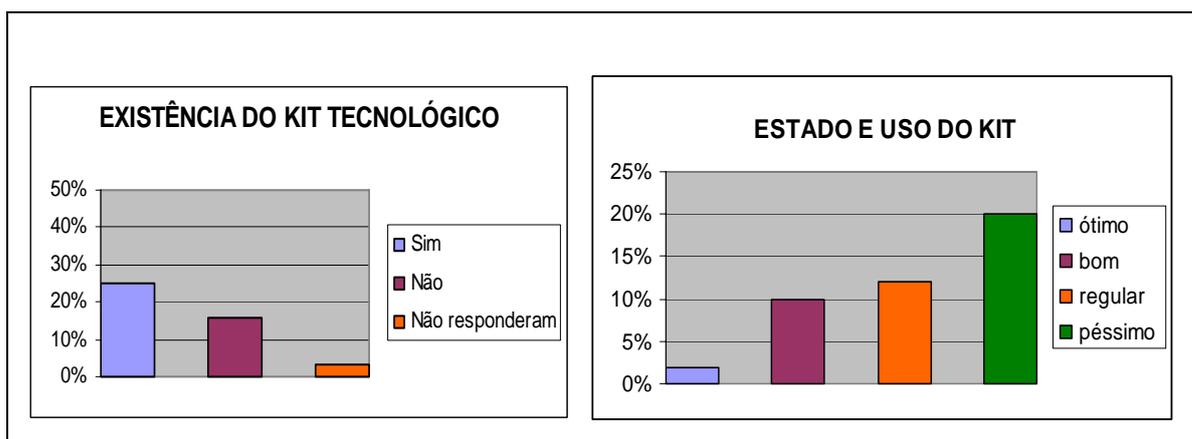
a) Atraso do material impresso e audiovisual

A pesquisa nos mostra que 60% dos evadidos tiveram problemas com atraso do material impresso e audiovisual, acarretando a desistência, como mostram o quadro 3 e as repostas dos evadidos:

“Não tive mais acesso ao material”.
 “Tive o material extraviado, acabei ficando chateada”.
 “Não recebi o material do módulo 2. Fiquei com o grupo na esperança de receber até o final do módulo, pois achava que o pessoal da CRE poderia trazer de Maceió. Todavia não aconteceu”.
 “O material foi entregue muito perto do prazo de devolução dos exercícios”.
 “Não assisti, na época a parabólica estava quebrada e as fitas gravadas eram péssimas”.
 “Não consegui ter acesso aos vídeos 2 e 3! Em nenhum momento eu cheguei a ver, a minha escola fica situada num vale e não se consegue gravar o programa e nem houve ajuda de colegas do município para que eu tivesse acesso às fitas, sendo assim eu não concluí o curso”.

equipamentos necessários, identidade e integração de vídeos e impressos, citadas como características inovadoras no curso por Pinto, Medeiros, Fiorentini (2002) e Carneiro (2002), o que se contrapõe, como reflete o quadro 4.

Quadro 3 - Existência do kit tecnológico/estado de conservação



Visualizamos que 40 % dos pesquisados demonstraram desinteresse pela continuidade no curso devido à falta de estrutura, pelo não acesso aos equipamentos e aos vídeos, conforme as respostas no questionário:

“A escola não tinha mais vídeo, como eu poderia usá-lo? Fiquei desmotivada”.
 “Não existe o kit!”.
 “Existia, porém foi roubado”.
 “O estado de conservação é o seguinte: o vídeo roubaram e a TV Escola nunca gravaram nada.”
 “Até hoje, não se faz uso do aparelho de televisão e vídeo, a antena parabólica é um enfeite”.
 “Porque eu não tinha acesso ao vídeo, nem à programação da TV Escola. A falta de incentivo por parte das pessoas que coordenam a escola que nos deixam muito a desejar”.
 “Kit tecnológico? Vídeo queimado. TV velha... Falta de estímulo por não ter vídeo para

Em se tratando de programa de grande significado para a SEED/MEC, em que mais de 110 mil cursistas estavam envolvidos durante as três primeiras edições, é indiscutível que ocorreram falhas como as citadas acima, desestimulando o cursista a ponto de desistir dele, porque não há explicação em se participar de uma capacitação no qual não dispomos do material básico para sua utilização.

Consideramos o programa de suma importância para as escolas públicas e, por envolver um número significativo de profissionais, faz-se necessário um cuidado maior por parte das instituições envolvidas, como escreve Maia, Meirelles (2005, p.4):

[...] para se chegar a um curso a distância é imprescindível que as etapas de planejamento, produção e aplicação do ensino a distancia sejam detalhadamente trabalhados pela equipe executora do projeto a fim de atender a necessidade dos alunos.

3.3.3 - Problemas com suporte pedagógico

Apesar de pouca representatividade, esse problema tem origem na proposta de avaliação e postura do tutor.

Como percebemos providenciar suporte pedagógico aos alunos e aos tutores envolvidos no projeto, durante o curso, de forma a assegurar a qualidade no processo não é trivial. Isso culmina, como defendem Almeida, (2003) Lima, (2002) Mercado (2004) sendo um desafio para os tutores criar estratégias de orientação, acompanhamento e avaliação, para que não ocorra diferenciação entre o processo de avaliação, como fica retratado na tabela 7 e nos depoimentos dos cursistas.

Tabela 7 – Problemas com suporte pedagógico

PROBLEMAS	%
-----------	---

Avaliação	67
Tutoria	33

a) Avaliação

Os dados nos apontam que 67% dos evadidos se mostram insatisfeitos com a forma de avaliação e postura de alguns tutores, o que se consubstanciou nos depoimentos dos evadidos:

“A diferença da avaliação entre o meu trabalho e o de outra colega (com a mesma tutora). Fui penalizada e até hoje me questiono acerca de”.

“O sentimento de injustiça. Dois pesos e duas medidas. Que tal uma avaliação justa e coerente? Seria pedir muito?”.

“Simplesmente faltou motivação, da minha parte, gostaria que houvesse outra forma de avaliação porque muitos trabalhos não foram honestos, obtiveram notas sem esforço algum. Não devolver os projetos e memorial com tanta rapidez porque existiram muitas cópias das edições anteriores. Não acho justo alguém trabalhar e outros se beneficiar”.

“Não fiquei satisfeita com a avaliação da minha tutora, pois ela não me convenceu com seus argumentos. No primeiro módulo recebi menção A, no segundo, menção B, o que me deixou bastante decepcionada, pois quando pedi para ser reavaliada ela, minha tutora, mostrou-se muito intransigente. Razões da desistência: A minha insatisfação com o conceito B atribuído ao meu trabalho (módulo 2, menção B)”.

Diante desse fato confirma-se o que Carneiro (2003 p. 151) analisa, quando coloca que “é desafio tornar o curso mais próximo, mais significativo, evidente, estimulante. Construir processos de orientação, acompanhamento e avaliação contínuos da aprendizagem; adaptar as atividades de avaliação a suas necessidades, especificidades e a seus interesses”.

b) Tutoria

Conforme o resultado, fica evidenciado que faz diferença a existência de tutoria ativa, que acompanhe o ritmo e a trajetória de trabalho dos cursistas, estimulando, tomando iniciativa nos contatos, buscando que se interessem por seus progressos e problemas. É isso que defendem Faria, Quezado e Fiorentini (2003, p. 10).

A tutoria, embora tenha sido um fator identificado na amostra, pode ter ocorrido durante a primeira e segunda edição, fato este que Mercado (2004) justifica como posturas que foram revistas e analisadas na equipe de tutoria.

“Falta de estímulo, ausência de tutores, muita teoria pouca prática. Não tive oportunidade de conhecer os tutores, total falta de comunicação”.

“Desisti porque não encontrei com o tutor, que nas poucas vezes que precisei ela estava ausente, e sem dar muito estímulo ao aluno, eu conversei com ela apenas uma vez, por telefone”.

“Apesar da qualidade do material senti que o curso talvez não tivesse credibilidade, podendo ser para mim perda de tempo. Um fator que me levou a pensar isso foi o fato de o tutor não ter na sua formação

Embora saibamos que o sistema de tutoria além de novo é difícil, apresentando-se como um desafio para quem está envolvido com essa forma de atuação, sugerimos uma atenção maior durante as avaliações, para que não aconteçam lapsos como esses citados pelos cursistas e que possam interferir quanto à permanência deles, reforçando o que Lima (2002) defende quanto à atuação da tutoria.

Para complementar nossa pesquisa, e em busca de medidas que minimizem a evasão de professores cursistas, em programas futuros a serem ofertados para a formação de professores, solicitamos que os evadidos pontuassem o que poderia ser feito para incentivar ou facilitar a conclusão do curso, e que sugestões apontariam para o seu aperfeiçoamento. É o que se apresenta nos gráficos 7 e 8.

Gráfico 7 – Proposta dos cursistas

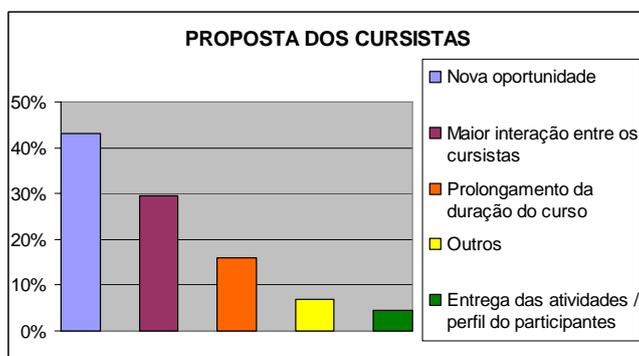
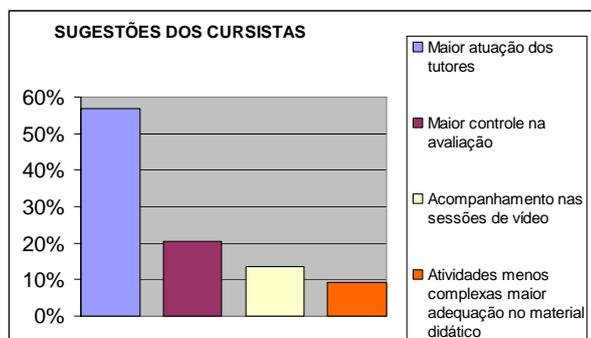


Gráfico 8 – Sugestões dos cursistas



Os pesquisados levantaram várias sugestões e trouxeram contribuições para melhoria da oferta do curso nas próximas edições.

Quanto à tutoria sugeriram questões que evidenciam maior atuação dos tutores no processo de acompanhamento, buscando estratégias que favoreçam maior elo, que permitam uma maior interação entre ambos como observamos nas colocações:

“Uma atenção e acompanhamento maior para com os cursistas”.

“Grupos de estudos e encontros periódicos”.

“Maior contato com os participantes do curso”.

“Mais momentos presenciais”.

“Maior assistência aos participantes”.

“Fazer mais encontros, ouvir os participantes e acompanhar todo o desenvolvimento do cursista”.

“Que todos os participantes tivessem um encontro de 15 dias com uma hora para discussão”.

“Incluir dicas de como fazer o curso de forma mais fácil e rápida”.

Na avaliação sugerem maior atenção quanto as normas de avaliação feitas ao longo de cada módulo entre uma edição e outra como também maiores esclarecimentos quanto aos critérios da avaliação, conforme escreveram :

“Um pouquinho a mais de cuidado com a avaliação”.

“Uma avaliação justa, seria pedir muito?”.

“Não devolver as avaliações, pois existiram muitas copias dos cursos anteriores”.

“Mais comunicação com o tutor que às vezes os participantes fica com muita duvidas”.

“Majores esclarecimento sobre os critérios de avaliação”.

“Que nosso trabalho não fosse avaliado por apenas um tutor”.

“Que além da teoria houvesse um acompanhamento continuo dos tutores nas aulas praticas”.

“Um melhor acompanhamento da equipe organizadora”.

Percebemos através das sugestões escritas pelos cursistas que a falta de companheiros e da presença do professor ainda é um fator vital nos cursos a distância, devemos favorecer uma maior interação entre eles, para que sintam-se parte de um grupo.

“Sugeria que estudássemos e respondêssemos as atividades acompanhadas pelo tutores, tornando os dias de encontros mais freqüentes”.

“Um estudo coletivo entre todos os professores”.

“Mais tutores, se não pudessem ser tutores, que tivessem monitores mais assiduamente com os participantes”.

“Que houvesse mais encontros de grupos”.

“Uma atenção e acompanhamento maior para com o cursistas”.

“Grupos de estudos encontros periódicos”.

“Fazer mais encontros, ouvir os participantes e acompanhar todo o desenvolvimento do cursista”.

“Grupo com 20 participantes onde o tutor pudesse acompanhá-los e também contar com a colaboração de todos que já concluíram o curso”.

4 – CONCLUSÃO

A EAD na área educacional e especialmente na formação continuada favorece novas possibilidades a professores, coordenadores e gestores para uma educação mais flexível. Entretanto, apesar de argumentada como tal, essa modalidade não supera algumas dificuldades existentes no sistema educacional presencial, diante da análise de resultados dessa pesquisa.

Ao analisar as informações prestadas pelos evadidos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje em Alagoas, percebemos que as causas mais significativas da evasão são comuns para a maioria, apesar de edições diferentes há uniformidade de razões declaradas.

Diante das variáveis consideradas e das dificuldades citadas pelos próprios evadidos, essa pesquisa identificou as causas da evasão, de modo a contribuir como fonte de conhecimento informativo que permita tomadas de decisões acertadas junto às futuras edições dos cursos ofertados aos educadores alagoanos.

Nossa hipótese era que os profissionais da educação optaram pelo curso de acordo com suas necessidades, capacidade de interação e trabalho, por ser ele potencialmente realizável e sem custos, ter horários flexíveis e certificação para plano de carreira. E que desistiram devido a dificuldades com a sistemática de trabalho de um curso a distância, em lidar com os recursos tecnológicos, com os processos avaliativos e ainda com o tipo do material de estudo, estrutura e metodologia do curso, tutoria ou porque exige disciplina e autonomia de aprendizagem.

Com os resultados obtidos ficou evidenciado que as causas da evasão estão relacionadas com problemas de origem pessoal, problemas de infra-estrutura e problemas com o suporte pedagógico, sendo a falta de tempo por excesso de atividades o fator preponderante da evasão.

Entre os problemas de origem pessoal o fator falta de tempo por excesso de atividades foi a principal causa da evasão, seguido da desmotivação causada pela ausência de

companheiros, que, apesar da possibilidade da individualização do processo de aprendizado nos cursos de EAD, concluímos que as relações inter-pessoais são necessárias ao processo de aprendizagem quer em curso presencial ou a distância.

Cabe destacar que, muitas vezes, a causa da evasão é inerente à própria decisão do cursista e se devem considerar aspectos particulares de cada aluno. Estes também podem influenciar na taxa de evasão, os quais, no ato da escolha pelo curso, não estavam previstos, levando-nos a um repensar sobre a existência das estruturas sociais que permeiam a educação e a sociedade como um todo, e nós não estamos desassociados desta realidade.

Percebemos uma excessiva valorização da formação em serviço e a ausência de políticas que valorizem o docente, uma vez que, para sobreviver, o professor necessita trabalhar em várias escolas e nos três horários.

Com relação à TV Escola, os professores, mesmo que quisessem, não possuem tempo disponível para se dedicar ao programa. Para isso acreditamos que não é suficiente apenas a escola ter o kit tecnológico e as fitas gravadas e sim favorecer ou definir jornadas de trabalho em que o professor se sinta motivado e gratificado por participar em dinâmicas de mudança (TOSCHI, 2003), e tenham chances para participar de uma formação continuada que realmente atinja o objetivo de capacitar os professores e aprimorar a sua formação na concretização de uma educação mais democrática.

Outro importante ponto evidenciado foi a infra-estrutura, já que sabemos que os programas desenvolvidos pela SEED têm o objetivo de oferecer às escolas envolvidas infra-estrutura e diretrizes, buscando a elevação do padrão de qualidade no processo educativo, a fim de solucionar a democratização da educação diante dos desafios atuais.

O suporte pedagógico do curso, embora não muito representado como uma das principais causas, determinou evasão. Os processos avaliativos e o sistema de tutoria, embora saibamos que dependem de grande parcela de componentes que interferem no processo, são indispensáveis para assegurar a qualidade deste, para que não ocorra diferenciação entre o processo de avaliação dos cursistas.

Como todo Programa de políticas públicas observamos potencialidades e fragilidades quanto a avaliação de impacto, organização externa nos programas, pois existe pouca preocupação junto a estes programas, na realização de um acompanhamento e avaliação externa dos mesmos.

Se faz necessário que os gestores e coordenadores se envolvam com o uso das TIC e do Programa TV Escola como também nos demais programas ofertados pela SEED, uma vez que é possível que aconteçam as mesmas dificuldades, com a finalidade de analisar as potencialidades e limitações para o uso pedagógico desses recursos e programas, bem como para a incorporação na gestão escolar em suas atividades. Assim, a responsabilidade da inserção desses programas na escola não devem ficar restrita ao professor, é necessário que façam parte concretamente da organização escolar, estejam inserido no seu planejamento pedagógico e administrativo, contando com gestão de tecnologias, das mais convencionais às TIC, para que não aconteça como percebemos a aceitação dos programas, mas não a sua incorporação à prática pedagógica da escola.

Contudo, devemos reconhecer que embora saibamos que pertencemos a uma sociedade onde há ausência de políticas de uma real valorização dos profissionais, com remuneração digna e condizente para a sobrevivência, a luta deve se iniciar no próprio professor, que deve saber que sem a curiosidade que nos move, que nos insere na busca, não aprendemos nem ensinamos.

Valorizamos aos que conseguiram concluir o curso, embora isso não assegure que adquiriram conhecimentos suficientes para se apropriarem de fato dos recursos da TV Escola, até porque “o fato de ele ser bem sucedido não significa necessariamente que ele tenha compreendido o que fez” (VALENTE, 2002, p. 28). Entretanto incorporaram a metodologia de um curso a distância conforme a hipótese por nós considerada de que um curso a distância exige, entre outras coisas, muita disciplina e autonomia.

Aos que ficaram no meio do caminho por não terem conseguido auto-organização, conciliar a jornada de trabalho e o horário de estudos, disciplina e não se defrontaram com nenhum problema que no ato da escolha pelo curso não estava previsto, lutem, uma vez que fazem parte de uma sociedade onde há ausência de políticas de uma real valorização dos profissionais. Encorajamo-nos para que atentem para as palavras de Freire (2004 p. 94) “me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente”.

Em síntese, acreditamos que, identificadas as causas da evasão no Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje deve-se buscar algo alternativo de vários segmentos conforme Almeida (2003, p.164) quando evidencia que “há necessidade de congregar esforços entre poder público, instituições de ensino, especialistas, pesquisadores e educadores, a fim de aprofundar o debate sobre as concepções de educação, tecnologia e EAD”.

Necessário se faz analisar as propostas e sugestões dos evadidos para que surjam pesquisas a fim de estabelecer critérios que permitam aos professores-cursistas iniciar e concluir todos os módulos oferecidos pelo programa em Alagoas.

Precisamos fazer-nos conscientes de que as dificuldades existem e esperamos que nossa pesquisa sirva para irmos em busca de novos desafios.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabete B. **Informática e formação de professores**. Brasília: Seed/MEC, v. 2, Série de Estudos/Educação a Distância, 2000.

_____. Tecnologia e educação: novos tempos, outros rumos. Programa TV Escola, **Boletim salto para o futuro**, Brasília: setembro / 2002.

_____. Educação à distância: diretrizes políticas, práticas e concepções. In: SEVERINO, Antonio J.; FAZENDA, Ivani C. (Orgs). **Políticas educacionais: o ensino nacional em questão**. São Paulo: Papirus, 2003.

_____. Educação a distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e pesquisa**. Revista da Faculdade de Educação da USP. São Paulo: v. 29, n.2, 2003.

BARRETO, Raquel. (Org) Tecnologias na formação de professores: o discurso do MEC. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 29, n. 2, p. 271–287, 2003. (a)

_____. **Tecnologias educacionais e educação à distância: avaliando políticas públicas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003. (b).

BELLONI, Maria. **Tecnologia, sociedade e outras abstrações espetacularização da política** Disponível em: <www.comunic.ufsc.br/artigos/art_tecnologia.pdf>. Acesso em 28/06/2004.

CANDAU, Vera; LELIS, Isabel. A Relação teórico-prática na formação do educador. In: CANDAU, Vera. (Org.) **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis: Vozes, 1988.

CARNEIRO, Vânia. TV e vídeo na formação de professores: desafios e conceitos. Educação à distância na formação de professores. Programa TV Escola, **Boletim Salto para o Futuro**, Brasília: mai/2002.

_____ Integração da TV na prática, na formulação do professor: desejos, propostas, desconfianças, aprendizados. Caxambu, **26ª ANPED**, 2005.

_____ TV na Escola: desafios tecnológicos e culturais. In: SANTOS, Gilberto, **Tecnologias na educação e formação de professores**, Brasília: Plano, 2003.

_____ Despertando interesses e informando funções dos vídeos do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, **II Seminário Nacional de Ensino Superior a Distância**. Brasília: UnB, 2003.

CARDOSO, Fernando. Abertura 2 anos da TV Escola. **Seminário Internacional TV Escola**, Brasília: Seed/MEC, Série de Estudos/Educação a Distância, 1998.

CASTRO, Alda. **Descentralização e autonomia**: limites e possibilidades de um programa de formação de professores. s/d Disponível em: <http://www.anped.org.br/25/texced25.htm>. Acesso em 19 de junho de 2005.

COLLINS, Heloisa. Interação e permanência em cursos de línguas via internet. In: COLLINS, H; FERREIRA, A. (orgs.). **Relatos e experiências de ensino e aprendizagem de línguas na internet**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

COSCARELLI, Carla. Mitos e verdades da educação à distância. **Revista Presença Pedagógica**, novembro/dezembro, 2001. Disponível em: http://www.editoradimensao.com.br/revistas/revista42_trecho.htm. Acesso em: 24/12/2003.

DOWBOR, L. **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FARIA, Dóris; QUEZADO, Silvio; FIORENTINI, Leda. **Análise dos resultados do desempenho dos núcleos do curso de extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje** (SEED/MEC).Disponível em: <www.unirede.br/site_html/agenda/passados/pdfs/analise_resultado_tv_escola>. Acesso em: 20/03/2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____**Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____**Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____**Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____**Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEITE, Selma; FARIA Dóris. **Os desafios da gestão de uma rede de ensino superior no setor público: o caso Universidade Virtual Pública do Brasil/UNIREDE**. 2003 Disponível em: <<http://www.unirede.br/site-html/agenda/passados/20030924-02.htm>>. Acesso em: 02/04/2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência o futuro do pensamento na área da informação**. Rio de Janeiro: 34. 1993.

LIMA, Rosângela. A tutoria – uma importante função na implementação de projetos de qualidade em EAD. Educação a distância na formação de professores. Programa TV Escola **Boletim Salto para o Futuro** Brasília: mai / 2002.

LOBO NETO, F. Regulamentação da educação a distância: caminhos e descaminhos. In: SILVA, Marco, (Org.). **Educação Online**. São Paulo: Loyola. 2003.

MAGALHÃES, Ligia. Programa TV Escola: o dito e o visto. In: BARRETO, Raquel **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas públicas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

MAIA, Marta; MEIRELLES, Fernando; PELA, Silvia. **Análise dos índices de evasão nos cursos superiores à distância no Brasil**. 2004 Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/073-TC-C2.htm>>. Acesso em: 3/06/2005.

MAIA, Marta.; MEIRELLES, Fernando. **Tecnologias de informação e comunicação e os índices de evasão nos cursos à distância**. 2005 Disponível em: <<http://www.abed.org.br/seminario2005/programa.htm>>. Acesso em: 30/01/2006

MENEZES, Mindé. O impacto da TV Escola no sistema educacional brasileiro. 2 anos da TV Escola. **Seminário Internacional TV Escola**, Brasília: Seed/MEC, Série de Estudos/Educação a Distância, 1998.

MERCADO, Luis Paulo, Uma experiência em formação de professores a distância: o curso TV na Escola e os Desafios de Hoje. In: MERCADO, Luis Paulo; KULLOK, Maisa. **Formação de professores: política e profissionalização**. Maceió: Edufal, 2004.

MORAN, José; MASETTO, Marco; BEHRENS, Marilda, **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus 2003.

MOTA, Regina. Os desafios da TV digital no Brasil, In: BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette; TOME, Takashi (Orgs) **Mídias digitais: convergências tecnológicas e inclusão social**. São Paulo: Paulinas, 2005.

NEVES, Carmen. A educação à distância na formação de professores. Programa TV Escola **Boletim Salto para o Futuro**. Brasília: mai/2002 (a).

_____ **Referenciais de qualidade para cursos a distancia** MEC/SEED, 2003 (b). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ReferenciaisQualidadeEAD.pdf>
Acesso em: 23/06/2004

NÚCLEO UNIREDE ALAGOAS. **Relatório Final do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje**. 2. ed. jul/2002.

NÚCLEO UNIREDE ALAGOAS. **Relatório Final do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje**. Alagoas 3. ed. mar/2003.

NÚCLEO UNIREDE ALAGOAS. **Relatório Final do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje**. Alagoas 4 ed. 2004

PENTEADO, Heloisa. **Televisão e escola, conflito ou cooperação?** São Paulo: Cortez, 2000.

PINTO, Aloyson G; MEDEIROS, Simone; FIORENTINI, Leda M. A experiência do curso a distância TV na escola e os desafios de hoje na visão de seus assessores pedagógicos. Programa TV Escola **Boletim Salto para o Futuro**. Brasília: jun/2002.

POPPOVIC, Paulo. Desafio Permanente. 2 anos da TV Escola. **Seminário Internacional TV Escola**. Brasília: Seed/MEC, Série de Estudos/Educação a Distância, 1998.

PRETTO, Nelson. Desafios para a educação na era da informação: o presencial, à distância, as mesmas políticas e o de sempre. In: BARRETO, Raquel (Org). **Tecnologias educacionais e educação à distância: avaliando políticas públicas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

RODRIGUEZ, Isabel. Teoria x EaD x tempos velozes. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**,

Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>>. Acesso em: 3/03/05.

SOUZA, Paulo. Dois anos da TV Escola. **Seminário Internacional TV Escola**. Brasília: Seed/MEC, Série de Estudos/Educação a Distância, 1998

TOSCHI, Mirza. TV Escola: o lugar dos professores na política de formação docente. In: BARRETO, Raquel. (Org). **Tecnologias educacionais e educação a distância**: avaliando políticas públicas. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

VALENTE, José. Repensando as situações de aprendizagem: o fazer e o compreender. Tecnologia e educação: novos tempos, outros rumos. Programa TV Escola, **Boletim Salto para o Futuro** Brasília: setembro / 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001

ANEXOS

Anexo 1 – Questionários enviados aos alunos evadidos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CENTRO DE EDUCAÇÃO – NÚCLEO UNIREDE

AValiação DO CURSO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE

Solicitamos sua colaboração no sentido de responder este questionário da melhor forma possível. Assim, você estará colaborando com a avaliação do Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje, buscando aperfeiçoar o curso e torná-lo cada vez melhor. Sua colaboração é fundamental e, responder ao questionário, não trará nenhuma consequência para você ou para o desempenho das suas atividades profissionais, pois o mesmo não será identificado. Junto a este questionário segue um envelope selado, com endereço para envio ao remetente.

I - FORMAÇÃO

1. Marque as opções que identificam sua formação:

- () Ensino Médio completo e magistério.
- () Ensino superior incompleto. Área _____
- () Ensino superior completo. Área _____
- () Pós-graduação.

2. Nos últimos 5 anos, você fez algum curso de atualização ou aperfeiçoamento relacionado à área de educação? () Sim () Não

3. Nos últimos 5 anos, você participou de algum evento (congressos, encontros, seminários) relacionado a área de educação? () Sim () Não

4. Você já fez algum outro curso a distância? () Sim () Não

Em caso afirmativo, qual:

II – DADOS SOBRE O SEU TRABALHO

1. Você trabalha em escola:

() Pública estadual () Pública municipal () Particular

2. Qual o cargo que você ocupa na escola?

() professor(a) () coordenador(a) pedagógico(a) () supervisor(a) () orientador(a)

3. Que nível você atua?

() Educação Infantil () Ensino Fundamental: 1ª. A 4ª. () Ensino Fundamental: 5ª. A 8ª.
() Ensino Médio

III - AVALIAÇÃO DO CURSO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE

1. O que o motivou a se inscrever no curso?

2. Na escola que você trabalha existe o Kit tecnológico? Qual o estado de conservação e uso do mesmo?

3. Como você acompanhou os programas de curso TV na escola e os desafios de hoje?

4. Indique quais foram suas dúvidas mais frequentes.

5. Quanto ao material impresso:

- a) Você:
 Teve acesso em tempo hábil.
 Teve acesso sempre com atraso.
 Alguns módulos chegaram atrasados, outros em tempo hábil.
- b) Como você avalia esse material:
Do ponto de vista estético, da sua apresentação gráfica:
 Excelente Muito Bom Bom
 Razoável Ruim Péssimo
- c) Do ponto de vista do conteúdo:
Quanto aos textos informativos:
 Excelente Muito Bom Bom
 Razoável Ruim Péssimo
- d) Quanto aos exercícios propostos:
 Excelente Muito Bom Bom
 Razoável Ruim Péssimo
- e) O que você modificaria nesse material para torná-lo melhor?

6. Quanto aos vídeos:

- a) Como você avalia o acesso aos vídeos do ponto de vista dos horários de veiculação?

- b) Você teve alguma dificuldade para acompanhar os vídeos? Se sim, quais? Como você superou essa(s) dificuldade(s)?

- c) Como você avalia os vídeos:
Do ponto da apresentação estética:
 Excelente Muito Bom Bom
 Razoável Ruim Péssimo

- Do ponto de vista do conteúdo:
Quanto às informações
 Excelente Muito Bom Bom
 Razoável Ruim Péssimo

Quanto aos exercícios propostos:

- Excelente Muito Bom Bom
 Razoável Ruim Péssimo

7. O que você modificaria nos vídeos para torná-los melhor?

8. Quais foram às questões que você teve maior dificuldade para responder?

9. Você utilizou outros materiais, além daqueles próprios do curso, para promover aprofundamento e esclarecimento de temas? Sim Não
Se afirmativo, indique quais.

10. Cite alguns aspectos que você considerou positivos no curso.

11. Cite alguns aspectos que você considerou negativos no curso.

12. Em que módulo você desistiu? módulo 1 módulo 2 módulo 3

13. Qual o motivo de sua desistência?

14. Você recebeu avaliação em algum dos módulos realizados? Sim Não

15. Se afirmativa qual foi a avaliação recebida?

16. Você teve atendimento do serviço de tutoria do curso? O tutor demonstrou ter domínio dos conceitos e assuntos objetos do curso?

17. O tutor teve facilidade de comunicação, sendo explícito, conciso e objetivo em suas explicações?

18. O tutor permitiu e motivou a participação ativa na troca de informações e no esclarecimento de dúvidas?

19. Quais as razões que o levaram a desistir?

20. O que poderia ser feito para incentivar ou facilitar a conclusão do curso pelo participante?
Que sugestões você pode oferecer para melhorar o curso?

21. Que sugestões você daria para a coordenação do curso para aperfeiçoá-lo.

Anexo 2 – Questionários enviados aos Coordenadores Estaduais



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

CENTRO DE EDUCAÇÃO – NÚCLEO UNIREDE

AVALIAÇÃO DO CURSO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE

Coordenador (a) do Núcleo:

Instituição: _____

Prezado Coordenador

Solicitamos sua colaboração no sentido de responder este questionário, que faz parte da pesquisa **Evasão nos cursos à distância: Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje**, no Mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal de Alagoas, orientada pelo Prof^o Dr. Luis Paulo Leopoldo Mercado, buscando analisar as causas da evasão em cursos à distância, objetivando o seu aperfeiçoamento e torná-lo cada vez melhor. Sua colaboração é fundamental, e junto a este questionário segue um envelope selado, com endereço para envio ao remetente e o mesmo instrumento também será enviado por e-mail podendo a resposta ser encaminhada por carta ou e-mail.

Solicitamos, caso não seja o (a) atual coordenador(a), encaminhamento a quem hoje desempenha esta função.

Antecipamos nossos agradecimentos esperando contar com sua colaboração.

Yára Pereira da Costa e Silva Neves
mestranda

Profº Dr. Luis Paulo Leopoldo Mercado
orientador

1. Comente como foi sua experiência como coordenador(a) das edições do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje? Caracterize a experiência em cada edição.

2. Como foi trabalhada a demanda de inscrições em cada edição do curso, frente ao número de vagas oferecidas?

3. Preencha o quadro abaixo, com os dados atualizados:

1ª TURMA

Período: _____ a _____

Número de inscritos	Número de vagas	Alunos matriculados (no 1º módulo)	Concluintes do 1º módulo	Concluintes do 2º módulo	Concluintes do 3º módulo

Causas da evasão¹² do curso na 1ª turma:

¹² São considerados evadidos aqueles alunos que são matriculados e desistem antes e durante o curso.

2ª TURMA

Período: _____ a _____

Número de inscritos	Número de vagas	Alunos matriculados (no 1º módulo)	Concluintes do 1º módulo	Concluintes do 2º módulo	Concluintes do 3º módulo

Causas da evasão do curso na 2ª turma:

3ª TURMA

Período: _____ a _____

Número de inscritos	Número de vagas	Alunos matriculados (no 1º módulo)	Concluintes do 1º módulo	Concluintes do 2º módulo	Concluintes do 3º módulo

Causas da evasão do curso na 3ª turma:

4ª TURMA

Período: _____ a _____

Número de inscritos	Número de vagas	Alunos matriculados (no 1º módulo)	Concluintes do 1º módulo	Concluintes do 2º módulo	Concluintes do 3º módulo

--	--	--	--	--	--

Causas da evasão do curso na 4ª turma:

4. Como foi o processo de tutoria em cada edição do curso?

5. Qual o papel da tutoria no combate da evasão do curso?

6. Complete o quadro abaixo com o núcleo de tutores em cada edição:

TUTORIA							
1º Edição		2º Edição		3º Edição		4º Edição	
Nº de tutores	Nº de alunos p/ tutor	Nº de tutores	Nº de alunos p/ tutor	Nº de tutores	Nº de alunos p/ tutor	Nº de tutores	Nº de alunos p/ tutor

7. Foram utilizados mecanismos de redução da evasão do curso? Quais?

8. Como foi tratada a evasão nas situações abaixo:

Nos encontros de capacitação de tutores

Nas reuniões de coordenação com os tutores

Junto aos cursistas

9. Como a coordenação acompanhou o desenvolvimento de cada edição do curso?

10. De acordo com a avaliação em cada edição, houve evolução qualitativa dos resultados do curso?

11. Na sua instituição, existe alguma proposta de continuidade do curso de extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje?

12. Em caso positivo, como irá acontecer uma nova edição? Haverá alguma reformulação no curso? Quais?

13. Em caso negativo, que motivo(s) levou(aram) a não continuidade do curso e a oferta de novas edições?

14. Qual foi a repercussão do curso na aprendizagem dos alunos concluintes?

15. Houve melhoria na utilização dos recursos tecnológicos, pelos professores cursistas, após a conclusão do curso, nas diversas edições? Que melhorias o núcleo constatou?

Nome do Informante: _____

Função: _____

Instituição: _____

Data: _____

